

IGOR GAMA MOREIRA

EU VI O MANÉ JOGAR

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFV
Novembro 2019

IGOR GAMA MOREIRA

EU VI O MANÉ JOGAR

Memorial apresentado ao Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Ernane Côrrea Rabelo

Viçosa - MG
Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV
Novembro 2019



Universidade Federal de Viçosa
Departamento de Artes e Humanidades
Curso de Comunicação Social/Jornalismo

Memorial intitulado *Eu vi o Mané jogar*, de autoria do estudante Igor Gama Moreira, aprovado pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

Prof. Dr. Ernane Corrêa Rabelo - Orientador Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Prof. Dr. Joaquim Sucena Lannes - Professor do Curso de Comunicação Social/Jornalismo da UFV

Francisco Assis de Souza Castro - Jornalista Prefeitura de Viçosa

Viçosa, 26 de novembro de 2019

RESUMO:

O livro “Eu vi o Mané jogar” é um projeto experimental produzido na disciplina COM 490 - Trabalho de Conclusão II, como Trabalho de Conclusão de Curso do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa. O objetivo deste livro é contar a história da passagem de Mané Garrincha por Viçosa, mostrando desde os motivos que o trouxeram a cidade para uma partida amistosa, até fatos curiosos que envolveram o episódio, passando ainda por um breve resumo de sua vida. O livro desenvolvido neste trabalho, além de tratar da história da partida e de Garrincha em si, mostra como o fato influenciou e segue influenciando na vida daqueles que participaram de maneira mais direta dos acontecimentos. Ademais é uma forma de resgatar a memória cultural e principalmente futebolística de uma cidade como Viçosa, que além deste abrigou diversos outros grandes jogos e jogadores e atualmente encontra dificuldades para desenvolver o futebol.

PALAVRAS-CHAVE: Livro; Garrincha; Memórias.

ABSTRACT:

The book "Eu vi o Mané jogar" is an experimental project produced in the discipline COM 490 - Completion Work II, as A Work of Completion of the Course of the Social Communication Course - Journalism of the Federal University of Viçosa. The purpose of this book is to tell the story of Mané Garrincha's passage through Viçosa, showing from the reasons that brought him to the city for a friendly match, to curious facts that involved the episode, and also through a brief summary of his life. The book developed in this work, in addition to dealing with the history of departure and Garrincha itself, shows how the fact influenced and continues to influence the lives of those who participated more directly in events. Moreover it is a way to rescue the cultural and mainly soccer memory of a city like Viçosa, which in addition to this has hosted several other great games and players and currently finds difficulties to develop soccer.

KEY-WORDS: Book; Garrincha; Memories.

Sumário

INTRODUÇÃO	6
2. REFERENCIAL TEÓRICO	7
3. RELATÓRIO TÉCNICO	14
3.1 PRÉ-PRODUÇÃO	15
3.2 PRODUÇÃO	17
3.3 PÓS-PRODUÇÃO	22
CONSIDERAÇÕES FINAIS	22
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	24
ANEXOS.....	25

INTRODUÇÃO

A primeira vez que ouvi a respeito da passagem do Garrincha por Viçosa foi de forma inesperada. Na época cursava uma disciplina com o Professor Ernane na qual deveríamos produzir uma grande reportagem. Inicialmente optei por um tema que não me despertaria o interesse necessário, por conta disso pedi sugestões de pauta para o professor e creio que por saber do meu gosto por futebol, foi logo dizendo "sabia que o Garrincha já jogou em Viçosa? Taí sua pauta".

De cara me pareceu fantástico falar sobre Garrincha. Desde minha infância ouvia meu avô, que foi quem me ensinou a gostar de futebol, dizer "Mané era muito melhor que Pelé, mas Pelé era mais esperto, ficou com a fama". Isso acabou despertando a minha atenção e a partir dos registros, mesmo que raros, de suas jogadas e lances, fui me questionando muitas vezes como o maior ponta-direita da história do futebol mundial pôde cair de maneira tão acentuada. E neste trabalho tive uma oportunidade única.

A opção pelo livro-reportagem, produto que segundo Edvaldo Pereira Lima (1993, p.7) "amplia o trabalho da imprensa cotidiana, como que concedendo uma espécie de sobrevida aos temas tratados pelos jornais, pelas revistas e emissoras de rádio e televisão", foi justamente pela busca da manutenção da memória referente ao assunto. Pois mesmo tendo uma relevância histórica ainda é bem pouco conhecido pela população Viçosense vêm se perdendo junto ao tempo com os jornais da época e nos dias de hoje, poucas vezes mencionado em periódicos locais ou nas redes sociais.

De acordo com Edvaldo Pereira Lima (1993, p.8), o livro reportagem "penetra em campos desprezados ou superficialmente tratados pelos veículos jornalísticos ou periódicos, recuperando para o leitor a gratificante aventura da viagem pelo conhecimento da contemporaneidade". Nesta obra busquei me aprofundar no episódio, tratando de fatos que passaram despercebidos pela imprensa local na época e que seriam importantes principalmente para os leitores mais jovens entenderem não apenas a partida em si, mas todo o contexto e motivações que trouxeram Garrincha a Viçosa.

A construção de toda a narrativa tenta ligar aos dias atuais a passagem de Mané Garrincha em Viçosa, por meio de: imagens, depoimentos de ex-atletas e torcedores que participaram do fato, contando suas experiências no dia em questão, juntamente com as sensações que ficaram no pós-jogo. Assim o livro "Eu vi o Mané jogar" busca reunir a magia

e capacidade de entretenimento da literatura, respeitando a função do jornalismo que de acordo com Antonio Achilis (2013, p.22),

a busca da verdade, da precisão e da clareza, o respeito aos fatos, aos direitos humanos e à diversidade de opiniões são fundamentos da credibilidade, patrimônio maior da imprensa livre e da comunicação democrática. A credibilidade deve resultar da fidelidade a seus princípios e valores. Sua construção, manutenção e defesa são sagrados e nada, absolutamente nada, justifica expor esse objetivo a qualquer tipo de risco.

A proposta é trazer um recorte do país e do município no ano em que a partida foi realizada (1973), reconstruindo o cenário vivenciado por Garrincha e pelas pessoas da época, visando facilitar a compreensão do leitor da obra como um todo, para além dos fatos que aconteceram dentro de campo.

Recursos como: Explicitar a situação do país; A expectativa na cidade de Viçosa que estava em crescimento junto a Universidade Federal de Viçosa (UFV); E como era futebol no período, a nível mundial e municipal, são utilizados na construção do texto.

Neste projeto procuramos desenvolver uma pergunta que provavelmente paira na cabeça de milhares de amantes do futebol “Como um dos melhores jogadores da história se viu obrigado a excursionar pelo país afora para manter -se financeiramente?”.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Não se sabe ao certo como começou a história do jornalismo¹, nem qual foi o primeiro jornal feito, mas historiadores atribuem a façanha ao Imperador Romano Júlio César. Ele com objetivo de divulgar suas conquistas criou a Acta Diurna² em 59 a.C. O jornal era diário e feito em grandes folhas de papel e madeira, que além dos feitos imperiais tratava também da ciência e da política. Deste jornal surgiram as primeiras pessoas consideradas jornalistas do mundo, que eram chamados de, os correspondentes imperiais. Eles eram designados a acompanhar e a fazerem relatos de todas as regiões do Império.

A Literatura Moderna surgiu no final do século XIX na Alemanha, na França e na Inglaterra, sob grande influência das Revoluções Francesa e Industrial. Num período onde a sociedade da época começava a se organizar em classes sociais, definindo suas respectivas visões de mundo.

¹ Disponível em: <http://abiinter.com/sala-de-imprensa/21-historia-do-jornalismo> Acesso: 10. Out.2019

² Disponível em: <https://www.guiadacarreira.com.br/profissao/jornais-jornalismo/> Acesso: 10. Out. 2019

A nobreza tinha perdido poder com as revoluções e a pequena burguesia sofria mudanças sociais, assim ambas tinham consigo o inconformismo e a insatisfação com a realidade, esse fato se tornou um grande veículo de difusão de ideias, sentimentos e emoções. Ademais gerou uma crítica social na época possibilitando o registro dos costumes, a ficção histórica, a narrativa de amores e de aventuras. O romance³ foi a melhor forma de se adaptar as necessidades expressivas dos autores daquela época, além de entreter o público leitor com uma leitura acessível.

Na Idade Média, no ano de 1447, a invenção da prensa⁴ baseada na tecnologia da tipografia e da prensa de vinho, substituiu um trabalho que anteriormente era manual, pela mecanização, favorecendo o intercâmbio e a propagação de ideias de um lugar para outro. A Bíblia de Gutenberg, feita entre os anos de 1450 e 1455 foi o primeiro produzido, lançado e vendido com a tecnologia da prensa mecânica de papel. No entanto, foi apenas no início do século XVII que as publicações periódicas de jornais começaram a surgir, contando com notícias majoritariamente da Europa e algumas da América e Ásia, dando pouco destaque para assuntos locais, com enfoque em situações negativas de outras nações, como derrotas militares e problemas com os governos.

Assuntos mais voltados para o público específico do local começaram a circular nos jornais⁵ na segunda metade do século, ainda com tentativa de censura por parte do governo para que não houvesse publicações que inflassem o povo contra seu poder. A atividade de jornalismo também passou a ser muito mais profissional com o surgimento dos primeiros cursos de Jornalismo nas Universidades da Europa, surgindo à necessidade de regulamentar a profissão e sua atividade, o que culminou na criação do conceito de Liberdade de Imprensa, que mais tarde seria fundamental para a criação da primeira lei para proteger a liberdade de imprensa, em 1766 na Suécia, que garantia aos profissionais de jornalismo e aos jornais suecos a publicação de tipo de notícia, desde que fosse real e não houvesse difamação.

No ano de 1844 a invenção do telégrafo, um sistema de comunicação que permitia a transmissão de mensagens de um lugar a outro mesmo em grandes distâncias, mudou completamente os rumos da imprensa escrita, tornando possível a transmissão mais rápida de

³ Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/portugues/romantismo-nasce-o-romance-contexto-historico.htm> Acesso em: 10. Out. 2019

⁴ Disponível em: <https://www.infoescola.com/comunicacao/surgimento-da-imprensa/> Acesso em: 08. Out. 2019

⁵ Disponível em: <http://www.jornalista.com.br/historia-do-jornal.html> Acesso em: 09. Out. 2019

informações, fazendo com que explodisse o número de jornais por todo o mundo, até tornarem-se o principal veículo de divulgação de informações no início do século XIX.

Os anos de 1890 a 1920 ficaram conhecidos como “anos dourados” da mídia impressa, possibilitando a criação de grandes impérios da comunicação. Com a criação do rádio na década de 20, a mídia impressa se vê obrigada a realizar mudanças passando a utilizar figuras maiores e coloridas, coberturas mais amplas e linguagem mais popular. No entanto, a consolidação dos televisores retirou dos jornais a soberania no segmento. Eles tiveram de seguir se reinventando com a criação e propagação da internet, fazendo com que a grande maioria passasse a utilizar essa ferramenta, praticando o chamado webjornalismo.

Entre o Jornalismo e a Literatura havia em comum, na era moderna, o ato da escrita. Assim estabelecendo uma condição de proximidade, mesmo que de forma intuitiva ou sem grandes rigores metodológicos. Os jornalistas sentiam-se inclinados a se inspirarem na arte literária para encontrarem seus caminhos para narrar à realidade. Dessa forma, muitos escritores encontraram no jornalismo um meio de subsistência como de aperfeiçoamento e de promoção de seu talento para a literatura. Marisa (1982) afirma que

a literatura leva ao extremo a ambiguidade da linguagem: ao mesmo tempo em que cola o homem às coisas, diminuindo o espaço entre o nome e o objeto nomeado, a literatura dá a medida do artificial e do provisório da relação. Sugere o arbitrário da significação, a fragilidade da aliança e, no limite, a irredutibilidade de cada ser. É, pois, esta linguagem instauradora de realidades e fundante de sentidos a linguagem de que se tece a literatura. (MARISA, 1982, p.37)

Ainda de acordo com Marisa (1982) a literatura pode ser entendida como algo social, que para ter vida precisa ir além do produto, necessita de alguém para consumi-la, no caso o livro e seu leitor, que passam por essa troca. Ainda que pela necessidade de mercado existam figuras como a editora, os vendedores, as lojas e todos os responsáveis para que esse livro chegue até seu público.

Segundo Edvaldo Pereira Lima (2004) a literatura e a imprensa confundiram-se até o início do século XX, com muitos jornais abrindo espaço para a literatura, com produção de folhetins e publicação de suplementos literários, atraindo escritores. Dessa forma a confluência entre jornalismo e literatura, que acontecia no Brasil no fim do século XIX, se encontrava na boemia literária. As relações começaram a mudar na virada para 1900 quando o Rio de Janeiro, Capital Federal, se modernizou, a partir daí as relações capitalistas impuseram a necessidade de substituição naquilo que eram veiculados nos jornais.

Essas substituições levaram a mudanças como: a substituição do folhetim pelo colunismo e depois pela reportagem, o artigo político pela entrevista, bem como maior destaque para temas policiais, esportivos e outros, que outrora não recebiam tanto destaque.

Coube aos escritores à tarefa de adequar seus textos que passariam de restritos, para interesses comuns como: reportagens, notícias e entrevistas. De acordo com Evaldo Lima (2004), o Novo Jornalismo surgiu na imprensa norte-americana na década de 1960 na busca de se igualar a qualidade narrativa da literatura, através da sofisticação de seu instrumento de expressão e elevação de seu potencial de captação do real.

Suas publicações seguiram pelos jornais, revistas dominicais de alguns periódicos e revistas independentes, até chegarem a seu ápice com o livro-reportagem, despertando atenção e certo grau de reconhecimento, resgatando a tradição do jornalismo literário e retratando as mudanças sociais pelas quais passavam os Estados Unidos na época. As reportagens do novo jornalismo colocavam em primeiro plano uma atitude diferente, quando comparada à imprensa conservadora, que se acomodara não dando continuidade às inovações propostas por algumas revistas nos anos de 1950.

O novo jornalismo levava a tona o mesmo timbre comum de sensualidade, de mergulho completo na realidade, como acontecia em todas as formas de expressão da contracultura efervescente na época. Focalizando-os vivamente, somando objetividade da captação linear, lógica, a subjetividade das impressões do repórter imerso no real. Assim, podemos dizer que, o novo jornalismo carrega consigo textos que optam pela imersão no contexto discutido, permitindo uma abordagem mais aprofundada e imaginativa, em que o jornalista vive a ação e a reporta com a mais pura e verdadeira visão, deixando como principal legado a possibilidade de combinação entre a reportagem, quanto à fidelidade dos fatos e técnica literária.

O jornalismo literário é a narrativa jornalística que utiliza recursos literários, unindo métodos investigativos do jornalismo a técnicas da escrita literária. Assim, estimulando a sensação de criatividade no jornalismo e a sensação de realidade a obras de literatura. Além da notícia, esse modelo carrega consigo uma história por trás do fato narrado que adquire adjetivos, personagens, enredos, histórico do assunto tratado e contexto que não seriam tratados nos periódicos jornalísticos.

De acordo com Edvaldo Pereira (2004) esse formato tem como princípios:

- exatidão/ precisão, mais criativo e desafiador, grande presença de números, dados e fatos que dão credibilidade, destaca o dinamismo, estimula a imaginação e aguça os sentidos do leitor, que no “Eu vi Mané jogar” são utilizados a fim de se aproximar o máximo possível do fato narrado, valendo-se do cruzamento da informação disponibilizada pelas fontes e da análise de documentação a respeito do fato;
- contam história, destacando o conhecimento sobre o mundo e relatos das pequenas e grandes ocorrências de grupos sociais e povos inteiros, aqui o “Eu vi o Mané jogar” ao tratar da vinda do jogador para Viçosa mostra como o acontecimento interferiu e continua na vida dos envolvidos;
- humanização, as personagens estão no eixo temático da narrativa. Se contrapõe ao estereótipo e a mistificação de personagens endeusados ou vilanizados, o “Eu vi o Mané jogar” mostra o lado do jogador que muitas pessoas só conhecem de longe, a vida além do mito do futebol, narrando, por exemplo, como era sua figura no contato com os atletas de Viçosa nos vestiários;
- compreensão, texto detalhado e descritivo. Exibição do mundo sob perspectivas diversificadas. Interligação de dados, identificação de sentidos. Visão unilateral e reducionista, nessa perspectiva o “Eu vi o Mané jogar” tenta através da descrição do maior número possível de fatos que trazer para o leitor a história, seja com relatos de jogadores locais, seja de espectadores da partida e de quem conviveu com o jogador nos momentos de glória;
- universalização, destaca temas subjacentes que tornam a linguagem da narrativa mais próxima, compreensível e universal; o “Eu vi o Mané jogar” busca usar além dos termos futebolísticos, trazendo uma linguagem comum a qualquer leitor que venha a ter contato com a obra;
- estilo próprio, trata-se da materialização da voz do autor na obra, aqui é possível perceber a presença do autor de “Eu vi o Mané jogar”, que constrói a narrativa unindo relatos que ouviu sobre Garrincha desde a infância até os conhecimentos adquiridos com a pesquisa feita para a criação da obra;
- imersão, busca investigar o comportamento dos personagens de uma história, compreender suas motivações, valores, origem de certas atitudes etc., esse talvez seja um dos principais pontos do “Eu vi o Mané jogar”, ao tentar apresentar a trajetória do jogador como um todo, buscando demonstrar o que fez com que um atleta que é lembrado como um dos maiores da história fosse obrigado a ingressar pelo interior do país para conseguir dinheiro;

- simbolismo, ajuda a consolidar na mente do autor a imagem, o sentido de um acontecimento, porque ele se vale do discurso poético, do código visual, e conseqüentemente do leitor. O “Eu vi o Mané jogar” tenta desenvolver a imaginação do leitor para, por exemplo, conseguir visualizar a forma como Garrincha se apresentava fisicamente, ao trazer a discussão do formato de suas pernas, sua marca registrada, que durante anos causaram curiosidade nas pessoas, e chamaram atenção dos presentes naquele jogo.
- criatividade, tenta dificultar a dispersão do leitor, apresentando algo novo e comprometido com o real, através de perguntas e hipóteses; aqui o “Eu vi o mané jogar”, conta uma história ocorrida há quase 50 anos, tentando aproximá-la dos dias de hoje com depoimentos de envolvidos que com sua visão atual do fato, após o êxtase da época, constroem uma narrativa impactante pela relevância do tema e ao mesmo tempo atual.
- responsabilidade ética, compromisso com o real e credibilidade, o livro “Eu vi o Mané Jogar” se preocupa em, mesmo com as dificuldades pela pouca memória encontrada, se manter fiel aquilo de fato foi o jogo, unindo e analisando informações obtidas com pessoas a documentos encontrados.

De acordo com Edvaldo Lima (2004, p.26),

o livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos. Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado - quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos- quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores.

Ademais Edvaldo (2004), explicita que o livro-reportagem possui papel de ampliar informação sobre fatos, situações e ideias de relevância social, possuindo grande variedade temática, tendo foco principal em países da América do Norte e Europa Ocidental, apesar de ser encontrado em demais partes do mundo.

O livro – reportagem pode ser ligado em maior grau ao jornalismo, e menor a editoração, considerando que ele é desenvolvido essencialmente pelo jornalismo. Pois utiliza recursos técnicos do mesmo sendo quase sempre escrito por um jornalista e possui sua realidade definida partindo de características e princípios do jornalismo. Sua realidade é definida partindo de características e princípios do jornalismo como transmitir informações e explicações sobre determinado tema, bem como apresentar funções relacionadas à ideologia, a educação, a economia e o caráter social, dentre outras. Seu conteúdo corresponde ao real, ao

factual, com veracidade e verossimilhança como fatores fundamentais, sendo frequentemente escrito em terceira pessoa, com artifícios da grande reportagem nos periódicos, como a utilização de ilustrações, como fotografia, mapas e outras. Mesmo apresentando universalidade e difusão coletiva é diferente dos conteúdos regulares devido à ausência de periodicidade, demandando conceito maior de atualidade, podendo ser criado por uma ou mais de uma grande reportagem.

Segundo Edvaldo Lima (2004), são 13 as classificações que enquadram um livro-reportagem: Livro-reportagem perfil; Livro-reportagem depoimento; Livro-reportagem retrato; Livro-reportagem ciência; Livro-reportagem ambiente; Livro-reportagem história; Livro-reportagem nova consciência; Livro-reportagem instantâneo; Livro-reportagem atualidade; Livro-reportagem antologia; Livro-reportagem denúncia; Livro-reportagem ensaio; Livro-reportagem viagem.

Dentre as categorias supracitadas o livro “Eu vi o Mané Jogar”, reúne o perfil, o retrato e a história. O modelo Perfil procura evidenciar o lado humano de uma personalidade pública que por algum motivo tornou-se de interesse, no entanto, nesse caso, a figura olimpiana do herói ganha companhia de características de uma personagem anônima, ao ter representado particularidades e circunstâncias de vida levando a personificação da figura em questão. Assim o livro se enquadra nessa categoria, pois retrata a figura humana de Garrincha, para além do mito popularizado no mundo todo, trazendo questões desde sua ascensão, até sua decadência.

O Retrato tem função parecida ao Perfil, mas com foco em uma região geográfica, setor da sociedade, segmento de atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão, marcado na maioria das vezes por um serviço educativo e explicativo. Dessa forma, a obra em questão retrata o contexto da vinda de Garrincha para Viçosa, a cidade, população e tudo que envolveu a partida em si.

Já o livro-reportagem História focaliza um tema do passado mais distante no tempo. Possui elementos que o conectam com o presente possibilitando um elo comum com o leitor atual, estes podem surgir de uma atualização artificial de um fato passado ou outros motivos, e é abordado no livro, pois narra um acontecimento ocorrido há quase 50 anos, mas que ainda influi na vida daqueles que participaram do fato, e até mesmo da cidade, que pouco conhece o assunto.

Portanto, por que a escolha pelo livro-reportagem? Podemos buscar uma definição citando Felipe Pena (2006), que destaca como esse formato literário consegue unir em uma

obra os preceitos do jornalismo, retratando algo que vai além do cotidiano com uma visão ampla do assunto em questão que garante durabilidade e profundidade ao mesmo.

O livro “Eu Vi o Mané Jogar”, busca contar a história de Garrincha além da já conhecida do grande público, que em sua maioria vê o ex-jogador apenas como um grande craque, alcoólatra, que morreu em decorrência da bebida. Aqui a busca é por mostrar outro lado do jogador, não tão conhecido do grande público, retomando seu início de carreira, passando por suas glórias e claro, chegando até sua decadência que culminou com uma peregrinação por diversas cidades do interior do país na busca de dinheiro para se sustentar no ostracismo após anos no topo do mundo. O pano de fundo e gancho para toda a narrativa é a passagem do jogador pela cidade de Viçosa, no interior de Minas Gerais, uma das tantas que tiveram a oportunidade de assistir um já combalido Garrincha se apresentar como uma espécie de *showman*. Longe da forma que o consagrou, era apenas sombra do jogador que arrancou aplausos por todos os cantos do mundo, acima do peso e com marcas profundas, físicas e mentais, fruto do alcoolismo e da vida desregrada que sempre viveu. De destaque da Seleção Brasileira a um ex-jogador em atividade, que após as glórias, foi obrigado a se expor para um público que já não exigia grandes jogadas e lances plásticos, se contentava apenas com 45 minutos em campo do outrora ídolo.

3. RELATÓRIO TÉCNICO

Aqui descrevo os processos realizados no desenvolvimento do livro “Eu vi o Mané jogar”, que conta a passagem de Mané Garrincha para uma partida amistosa em Viçosa, buscando retratar sua decadência nos campos e na vida.

Para a criação do trabalho realizei um estudo a partir da leitura da biografia – *Estrela Solitária – Um Brasileiro Chamado Garrincha* escrita por Ruy Castro. Além disso, assisti ao filme *Garrincha, Alegria do Povo* e por fim acessei outros conteúdos sobre a história do jogador. Tendo destaque para a série de reportagens produzida pelo site *Globoesporte* intitulada “30 anos sem Mané Garrincha”

Também tive diversos encontros com meu orientador, professor Ernane Rabelo, nos quais procuramos desenvolver a proposta do livro de forma que o mesmo pudesse atender tanto entusiastas do futebol e do jogador como pessoas comuns que viessem a se interessar pelo tema. A partir daí fui para a realização das entrevistas e levantamento de qualquer

conteúdo que pudesse ajudar de alguma forma o trabalho, passando por sua execução e conclusão.

3.1 PRÉ-PRODUÇÃO

Como citado, o protótipo deste livro foi iniciado quando cursava a disciplina de “*Narrativas Jornalísticas III*”, ministrada pelo Professor Ernane Rabelo, responsável por me apresentar o tema. Após sua sugestão de pauta, iniciei a procura por informações a respeito do assunto.

Primeiramente busquei registros no próprio DCM, vasculhando o *Jornal Outro Olhar* e conversando com os professores Joaquim Lannes e Ricardo Duarte, na esperança de que os mesmos pudessem me dar alguma pista mais consistente para saber por onde seguir. Com resposta negativa de ambos, que desconheciam o fato, procurei o professor Israel Teoldo, do Departamento de Educação Física, o qual eu conhecia pelos tempos em que estive no programa esportivo *Na Área*, transmitido pela *Rádio Universitária* e desenvolvido por estudantes do Curso de Comunicação Social - Jornalismo.

Por não dispor de nenhuma informação a respeito, o professor Israel me indicou procurar o professor aposentado da UFV, José Muanis, ex-docente da Educação Física e que para minha sorte havia assistido a partida e guardava algumas recordações. Passada a euforia inicial por tratar de um tema que me atraía muita atenção e já contando com meu primeiro relato a realidade bateu a porta, mostrando que tratar de algo ocorrido em 1973 não seria nada simples. Enquanto planejava o trabalho, coloquei como meta inicial procurar documentos que tratassem do assunto (jornais, revistas, arquivos de rádio, etc.), para em seguida ir até as pessoas que tivessem participado daquela partida, sejam atletas, espectadores ou dirigentes.

Mesmo conversando com diversos nomes do cenário esportivo de Viçosa e Ponte Nova (o adversário do Atlético havia sido uma equipe de Ponte Nova), poucos avanços, a resposta era basicamente a mesma, boa parte sabia da participação de Garrincha em Viçosa, mas ninguém tinha propriedade ou qualquer embasamento para falar do tema. Apesar de não ser algo tão antigo, os arquivos eram praticamente nulos e os relatos que encontrava estavam sempre desencontrados e quase que 100% faziam parte do senso comum sobre Garrincha: chegar à cidade, beber e levar passarinhos na viagem de volta.

Então consegui o contato com o Chefe do Departamento de Cultura da Prefeitura de Viçosa e um grande conhecedor das memórias viçosenses, José Mário Rangel, que me

orientou a procurar o doutor Vicente Castro, pois o mesmo era proprietário do *Informativo Tá na Cara*. A partir disso encontrei mais fontes, principalmente jogadores da partida. Assim consegui me planejar melhor, já com os alvos mais bem definidos.

Com o material coletado em mãos, era a hora de pensar no Trabalho de Conclusão de Curso, o TCC, e se em alguma fase da vida universitária as ideias pipocavam em minha mente, dessa vez nada que eu pensasse parecia que iria despertar como o Professor Ernane gosta de dizer, “o brilho nos meus olhos”. Foi então que ele entrou em cena novamente em uma conversa informal no local onde faço estágio, me questionando se já havia decidido qual seria o tema do meu Trabalho. Quando soube que ainda não tinha nada em mente, falou - me novamente do Garrincha, sugerindo um livro relacionado ao assunto.

No momento que ele me propôs fiquei pensativo, pois para realizar apenas um trabalho já tinha sido difícil reunir informações, quem dirá fazer um livro inteiro. Isso me parecia impossível, já que os registros documentais dificilmente surgiriam e encontrar os demais jogadores soava improvável, uma vez que em minhas buscas iniciais me foi informado o falecimento de alguns e a mudança de outros para longe da região. Até mesmo os jogadores que estavam em Viçosa e nas regiões próximas seriam difíceis, pois como eu acharia uma pessoa de quem sabia apenas o primeiro nome e que jogara com Garrincha?

Diante da falta de outras possibilidades, uma vez que estava temeroso pelo fracasso da empreitada e considerando meu apreço pelo assunto, resolvi mergulhar na vida e vinda de Garrincha a Viçosa. Graças ao trabalho desenvolvido anteriormente já possuía algumas referências que me permitiram caminhar.

Em se tratando de uma produção de maior porte e com uma mais tempo disponível no desenvolvimento, foi necessário traçar novamente um planejamento, refazendo as entrevistas anteriores e contatar novas fontes. Muitos dos nomes levantados ficaram pelo caminho, ao entrar em contato era informado que não dispunham de qualquer informação do tema, alguns já haviam falecido e outros não possuíam condições físicas e mentais para falarem do assunto. Nesse período também conversei com o professor Ernane e optei por modificar a estrutura inicial que havia pensado para o trabalho de *Narrativas*. Dessa forma os relatos em primeira pessoa de cada entrevistado, contando com introduções dos temas abordados e personagens foram substituídos pela narrativa em terceira pessoa acompanhando de falas pontuais das fontes.

3.2 PRODUÇÃO

Passado a etapa de planejamento recomecei as entrevistas no mês de junho, com aqueles que ficaram pelo caminho no ano anterior pela falta de tempo, e com as novas fontes encontradas. Segui também minha busca por documentos e imagens que pudessem enriquecer o trabalho, constatando mais do que nunca quão árduo seria obter tais arquivos. Além disso, entrei em contato com o Jornalista Ruy Castro, autor do livro *Estrela Solitária: Um Brasileiro chamado Garrincha*.

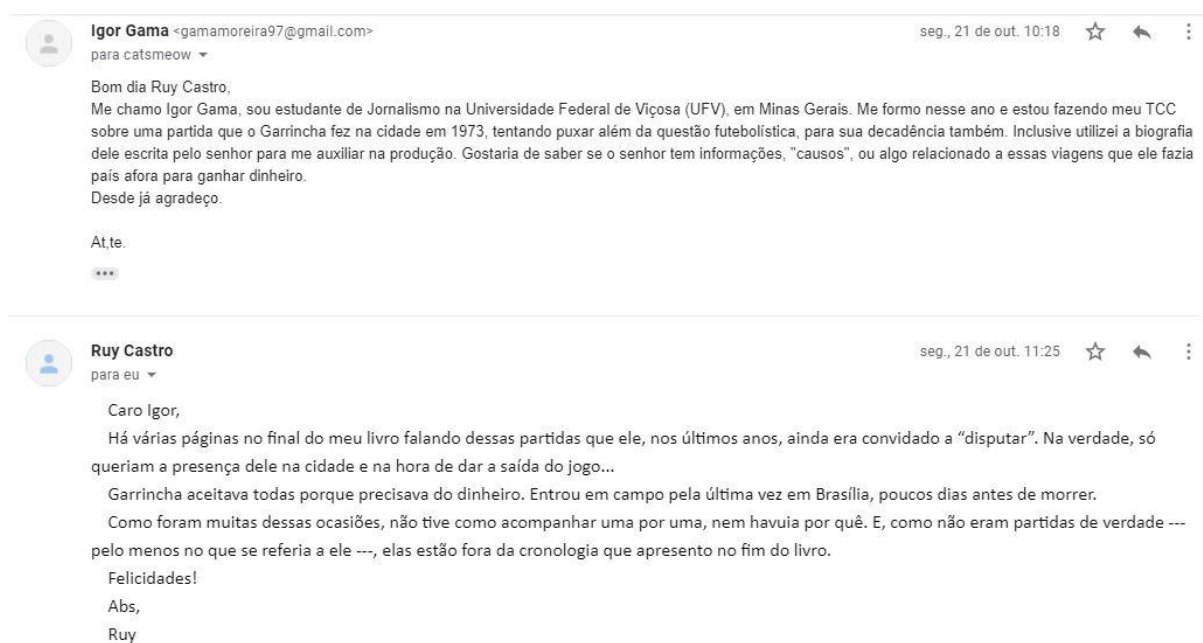


Figura 1 – E-mail do contato com o Jornalista Ruy Castro

Se inicialmente tinha a expectativa de encontrar pelo menos uma dezena de fotos, considerando a importância do jogo, tive de encarar a quase inexistência de registros fotográficos da partida. De acordo com profissionais da época, boa parte das fotografias não foi revelada. Era um processo caro e demorado, que não poderia ser feito sem a certeza de que haveria alguém disposto a pagar pelos serviços. A narração, que cogitei ser possível encontrar nos arquivos da rádio *Montanhesa*, também havia sido descartada há muitos anos em decorrência da dificuldade de manutenção das fitas de armazenamento do arquivo.

Com relação aos jornais, o atual *Folha de Mata*, na época, *Folha de Viçosa*, nº 236, Ano 10 era o único na cidade e noticiou o fato de maneira bastante tímida, tendo grande valia, no entanto para colher informações a respeito da escalação, gols e quantia recebida por

Garrincha. A edição nº 49, Ano 5 do *jornal Tá na Cara* fez uma releitura do jogo posteriormente, contando basicamente com informações retiradas da mesma edição do *Folha da Mata*.

As entrevistas foram longas, boa parte com quase duas horas de duração e tiveram como pano de fundo os diferentes cenários: escritórios, praças, shopping e até telefone celular, uma vez que alguns dos entrevistados não se encontram mais em Viçosa e seria impossível esperar que o destino os trouxesse a cidade possibilitando contato presencial. Em alguns casos para o livro em si conseguia extrair o conteúdo em apenas 5 minutos de conversa devido ao tempo do acontecimento e as lembranças escassas, mas o entusiasmo de muitos era tanto por lembrar seus tempos de futebol que cometeria um crime se cortasse suas respectivas falas.

Ao mesmo tempo tive encontros semanais com o Professor Ernane, meu orientador, que inclusive me acompanhou em entrevistas visando o melhor andamento dos trabalhos. Em nossos encontros tratávamos o andamento do texto, mudanças na ordem dos fatos e relatos e correções pontuais.

Dessa forma no processo de apuração e até mesmo produção foi necessário, a todo tempo, cruzar as informações obtidas com cada fonte, numa espécie de sabatina, uma vez que em função dos quase 50 anos passados, muitos trechos geravam divergências de uma fonte a outra. Então após todas essas etapas que duraram pouco mais de um ano, de setembro de 2018 a outubro de 2019, conseguimos enfim dar vida a nosso livro.

Os entrevistados que estiveram ligados diretamente ao jogo foram nessa ordem:

- a. *José Muanis Bhering Nasser, torcedor do Atlético de Viçosa e ex-professor da UFV:* Entrevista feita em 02 de junho por telefone, registrada em notas, *pois o mesmo reside no estado do Rio de Janeiro;*
- b. *Antônio Walter da Silva, torcedor do Atlético de Viçosa:* entrevista feita em sua residência na cidade de Viçosa, em 03 de junho de 2019. Aproximadamente 23 minutos de entrevista registrada em áudio;
- c. *Mauro Lima, ex-zagueiro do Atlético de Viçosa e atualmente advogado, 73 anos:* entrevista feita em seu escritório no edifício Panorama, na cidade de Viçosa, em 07 de junho de 2019. Aproximadamente 38 minutos de entrevista registrada em áudio;

- d. *Antenor Fausto da Silva Neto (Bode), ex-lateral direito do Atlético de Viçosa, 68 anos:* entrevista feita no escritório de Mauro Lima, na cidade de Viçosa, em 07 de junho de 2019. Aproximadamente 38 minutos de entrevista registrada em áudio;
- e. *Antônio Paulo Fernandes de Araújo (Toninho Messias), ex-atacante do Atlético de Viçosa e atualmente aposentado, 72 anos, brasileiro:* entrevista feita no Shopping Calçadão, na cidade de Viçosa, em 14 de junho de 2019. Aproximadamente 40 minutos de entrevista registrada em áudio;
- f. *Sebastião Nilton Rosado, ex-zagueiro do Atlético de Viçosa e atualmente aposentado, 71 anos:* entrevista feita na praça da Avenida Santa Rita, em 14 de junho de 2019. Aproximadamente 30 minutos de entrevista registrada em áudio;
- g. *Hugo Pacheco, ex-zagueiro do Palmeirense, atualmente aposentado:* Entrevista feita em sua residência, na cidade de Ponte Nova, em 14 de julho de 2019. Aproximadamente 31 minutos de entrevista registrada em áudio;
- h. *Tim Zaran, Presidente do Atlético de Viçosa:* Entrevista feita na sede do Atlético de Viçosa, em 25 de julho de 2019. Aproximadamente 30 minutos de entrevista registrada em áudio;
- i. *Maurício Fontes, 65 anos, ex-meio-campo do Atlético de Viçosa, atualmente professor da UFV:* entrevista feita em seu gabinete no Departamento de Solos da UFV, no dia 25 de julho de 2019. Aproximadamente 34 minutos de entrevista registrada em áudio;
- j. *Wander Santos, ex-repórter da rádio Montanhesa e atualmente proprietário do jornal Classivale:* Entrevista feita em 30 de julho por telefone, registrada em notas e por e-mail, pois o mesmo reside em Ipatinga;
- k. *Sérgio Mafra, ex-zagueiro do Palmeirense e atualmente aposentado:* entrevista feita na casa de sua mãe, na cidade de Ponte Nova, em 31 de julho de 2019. Aproximadamente 30 minutos de entrevista registrada em áudio;
- l. *Nicolau da Costa Mol, ex-goleiro do Palmeirense e atualmente aposentado, 65 anos:* entrevista feita por telefone, e registrada em notas, pois o mesmo reside em Juiz de Fora;
- m. *José Guy Costa Junior, filho do ex-Presidente do Atlético, 52 anos:* entrevista feita em 15 de agosto de 2019. Entrevista feita por telefone, e registrada em notas, pois o mesmo reside em Juiz de Fora;

- n. *José Luiz Rufino, ex-zagueiro do Atlético de Viçosa e atualmente funcionário da UFV, 68 anos:* entrevista feita na UFV, em 22 de agosto de 2019. Aproximadamente 33 minutos registrados em áudio;
- o. *Álvaro José Gouvea (Zoim), ex-goleiro do Atlético e atualmente funcionário do Clube Campestre, 65 anos:* entrevista feita na sede do Clube Campestre, em 09 de setembro de 2019. Aproximadamente 47 minutos registrados em áudio;
- p. *José Pinheiro Gomes (Pinheirinho), ex-ponta-direita do Atlético e atualmente aposentado, 93 anos:* entrevista feita em sua casa, na cidade de Viçosa, em 19 de setembro de 2019. Aproximadamente 50 minutos registrados em áudio;
- q. *João Bosco (Dôti) 70 anos, ex-lateral-esquerdo do Atlético e atualmente aposentado:* entrevista feita em um bar próximo a rodoviária de Viçosa, em 26 de setembro de 2019. Registrada em notas escritas devido a problemas técnicos no celular que utilizaria para gravação;
- r. *Gilvane Arantes, ex-centroavante do Atlético e atualmente aposentado, 65 anos:* entrevista feita em 29 de setembro por ligação. Registrada em notas devido a problemas técnicos durante a gravação da chamada;
- s. *Ruy Resende Fontes, ex-meio-campo do Atlético e atualmente funcionário da EMBRAPA, em Brasília, 69 anos:* entrevista feita em 03 de outubro de 2019. Aproximadamente 43 minutos registrados em áudio (feita por ligação, pois o mesmo se encontra em Brasília);
- t. *Cleyber Campolina Gomes, entrou com Garrincha em campo na partida, 52 anos,:* Entrevista feita em sua oficina na cidade de Viçosa, em 04 de novembro de 2019. Aproximadamente 10 minutos registados em áudio.

Além destes, ainda estive em breve contato com pessoas que se não presenciaram ou participaram de alguma da partida, contribuíram de alguma forma no trabalho. Foram os casos dos jornalistas: Alfredo Padovani e Luiz Raimundo de Ponte Nova; José Mário Rangel, Chefe do Departamento de Patrimônio Histórico da Prefeitura de Viçosa; Vicente Castro de Viçosa advogado e historiador; Walmir Gonçalves de Almeida (Pança), chefe do Departamento de Esportes da Prefeitura de Viçosa; Edson Rocha, jornalista do Folha da Mata; Francisco Assis de Souza Castro, jornalista da Prefeitura de Viçosa, além de diversas conversas casuais em bares e barbearias com pessoas que nem tive tempo de perguntar o nome, mas com certeza tiveram sua parcela de participação.

Também tive uma publicação referente ao desenvolvimento do livro no Jornal Folha da Mata do dia 11/10/2019, buscando divulgar o trabalho e encontrar possíveis fontes ou informações que pudessem auxiliar na produção do material.



Figura 2 – Publicação Referente ao desenvolvimento do Livro – Reportagem

3.3 PÓS-PRODUÇÃO

Esta etapa consistiu na criação do memorial e ajustes finais no livro. Para o desenvolvimento deste artigo, realizei leituras a respeito do assunto nos meses de agosto, setembro e outubro. A criação do livro começou em maio e finalizada em novembro, utilizando os relatos obtidos nas entrevistas, relatos encontrados em jornais e imagens disponibilizadas pelas fontes e veículos da imprensa. O desenvolvimento da narrativa seguiu a ordem cronológica dos acontecimentos, ainda que em determinada parte do livro alguns elementos de momentos distintos fossem inseridos a fim de elucidar certas questões, sanando possíveis dúvidas do leitor. Ao final do livro foi inserido um pequeno resumo da história de Garrincha buscando auxiliar no entendimento da magnitude da situação atingida por ele, de um dos maiores jogadores do mundo a alguém largado à própria sorte. A inserção das imagens buscou ilustrar o que estava sendo tratado em determinada parte do livro para facilitar o entendimento do leitor.

Na revisão final do texto tive auxílio de Davi Medeiros e na diagramação utilizando o Adobe InDesign CC 2018 e o Photoshop cc 2018 (na capa) tive ajuda de Adriana Helena, ambos estudantes do curso de Comunicação Social - Jornalismo da Universidade Federal de Viçosa (UFV).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo o desenvolvimento deste material pude tomar conhecimento sobre quão importante é o livro-reportagem, para o leitor e seu escritor. O livro-reportagem une a responsabilidade jornalística para com a verdade das notícias em uma profundidade ainda maior que a encontrada em grandes reportagens, apresentando uma narrativa mais completa, ao mesmo tempo em que carrega a verossimilhança para com os fatos tratados.

Está em constante proximidade com um tema que considero muito importante em minha vida, como o futebol, atrelado a um grande ídolo desse esporte, me proporcionou descobertas diversas sobre a sociedade na época do acontecimento narrado, bem como aguçou minha curiosidade com relação a motivos que podem levar alguém do topo a queda nas diversas esferas da vida.

Ainda que não tenha alcançado no Brasil o prestígio que encontra nos Estados Unidos, seu berço, o cenário vem mudando aos poucos para esse segmento nosso país. Uma espécie de “boom” nos livros-reportagem pôde ser visto após o final da Ditadura Militar, quando

pessoas, principalmente jornalistas, que viveram o período puderam retratar as situações, como cita o site *literalmenteuai*⁶.

Considerando todas as etapas do trabalho pude perceber o quanto a memória é pouco valorizada em nosso país. Aqui seria leviano citar em especial a cidade de Viçosa, pois o incêndio no Museu Nacional, no Rio de Janeiro, ocorrido no ano passado, nos mostra que a situação é muito mais profunda. Digo isso pela dificuldade de encontrar impressos, fotos, arquivos de áudio (estes não encontrados) e quaisquer outros documentos que auxiliassem na criação do livro “Eu vi o Mané jogar”. Com certeza se déssemos mais valor a nosso passado, seria possível obter um material ainda mais completo e com muito menos percalços pelo caminho.

Assim busquei construir a obra de forma que fosse possível atingir amantes do futebol e cidadãos comuns, saindo bastante satisfeito com o resultado, mesmo com todas as dificuldades encontradas para obter arquivos.

⁶ Disponível em: <https://www.literalmenteuai.com.br/a-arte-de-informar-atraves-do-livro-reportagem> Acesso em: 11. Out. 2019

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ACHILIS, Antônio. **Somente a Verdade:** Manual de Jornalismo da EBC. Brasília: Editora: GraphiX, 2013.

LAJOLO, Marisa. **O que é literatura.** 7ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas:** O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. 4ª Edição. São Paulo: Editora Manole, 2004.

LIMA, Edvaldo pereira. **O que é livro-reportagem.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

PENA, Felipe. **Jornalismo literário.** São Paulo: Editora Contexto, 2006.

ANEXOS

ENTREVISTAS

Senhor Antônio (Antônio Walter da Silva), 83 anos, ex-proprietário do supermercado Viçosense, assistiu ao jogo

Sou flamenguista, via jogos do Flamengo e Botafogo no Maracanã, inclusive já vi o Garrincha lá ao vivo em 1954. Aqui em Viçosa eu sei que ele tinha abandonado a carreira e o Atlético de Viçosa quis fazer um jogo amistoso, contra um time de Ponte Nova. O Garrincha jogou o primeiro tempo, a renda seria em benefício dele, terminou o primeiro tempo, ele foi na bilheteria, pegou o dinheiro e foi embora. O campo ficou quase lotado, umas 2,3 mil pessoas. Não houve entusiasmo porque todos sabiam que ele já não tinha futebol, inclusive durante o jogo ele não fez nada, ficou pra lá, pra cá, mas não fez nada, a perna dele já estava com defeito após a cirurgia, ele só veio buscar dinheiro. Eu não animei porque nunca tive animação com nada que viesse do Botafogo, minha animação com esporte em Viçosa era o Atlético, eu morava perto do campo e sempre assistia, mas depois que o Tim Zahram entrou acabou com tudo. Esse jogo eu fui mais pelo Atlético do que pelo Garrincha, cresci vendo o Atlético jogar, depois acabou, fiquei só no Flamengo.

A gente recebia grandes times aqui, em 1949 Atlético chamou o Madureira para jogar aqui, o Didi estava começando e acabou com o jogo, se não me engano foi 8 a 1 pros cariocas.

Não sei como o Garrincha conseguia jogar tanta bola com aquelas pernas tortas, ele sempre na ponta-direita, chegava perto da linha de fundo, fingia que ia pra um lado e ia pra outro, era muito difícil de ser marcado, mas aqui chegou em fim de carreira, bebia muito, a cachaça arrebeta o cara. Elza não veio. As injeções que ele tomava para jogar prejudicaram muito também

Antenor Fausto da Silva Neto (Bode), 68 anos em agosto, lateral-direito, camisa 2 do Atlético

A relação que eu tenho com o futebol é meramente amadora, embora imagine que tenha participado como coadjuvante de um dos maiores times que Viçosa teve em todos os tempos. Meu time de coração é o Flamengo.

A vinda de Garrincha pra jogar em Viçosa, que na época tinha em torno de 28 mil habitantes, alvoroçou a cidade por causa do ídolo que ele era, embora a gente soubesse que ele já não ostentava mais nenhuma condição física do outrora grande Garrincha

A informação que a gente teve é que a vinda dele pra Viçosa era uma série de amistosos que ele fazia, que tava muito ligado a um problema de dinheiro pra pagar pensão alimentícia, então ele tinha que levantar essa grana na época sob pena de prisão, daí ele fez uma turnê

Na época que ele veio, talvez tenhamos tido uma das melhores épocas do futebol de Viçosa, anos 70 com o Atlético, Raul de Leone, Luve, Colégio Viçosa no início da década, de uma década que foi muito boa em termos de esporte amador em Viçosa.

A sensação pra mim, é um ídolo maior, tínhamos ele e Pelé, e ele muito próximo pelo menos na questão da idolatria, e a questão de orgulho de poder participar de um evento em que essa figura estivesse.

Não sei os valores cobrados, mas creio que nos valores de hoje seria em torno de R\$ 50 mil reais, o estádio ficou cheio, ele era um fenômeno mundial, a redondeza toda veio, a arquibancada ficou lotada.

Talvez tenha sido a maior emoção da minha vida, dividir vestiário com uma celebridade daquela, lembro que nesse caso da simplicidade dele, Zinho tinha me presenteado com uma chuteira de borracha, mas não era couro, era lona, e praqueles campos ruins e duros que a gente jogava era uma maravilha porque ela adaptava ao terreno, ele visualizou aquilo e perguntou que número eu calçava porque como ele tava colocando pouca chuteira ele entendia que podia jogar com aquela, mas eu calçava 40 e o homem 38 então não teve jeito. Mas foi uma pessoa fantástica, uma simplicidade e humildade nunca vista, talvez a forma que ele apresentou pro mundo, conversamos basicamente do jogo e do material usado na chuteira, um cara que poderia ter a chuteira que quisesse e se encantou com uma chuteira de lona.

Eu como lateral-direito e ele como ponta, nos 45 minutos que ele esteve em campo participei de várias jogadas com ele, ele não tinha mais as arrancadas, mas aquilo que ninguém nunca observou no Garrincha que pra mim era o bater na bola, mais que o drible até, ele demonstrou lá no jogo, tem um episódio até muito interessante que eu saí na direita, ao invés de esperar no canto ele veio pro meio, pediu, eu toquei a bola e ele mandou eu passar, tinha uma obstrução do lateral esquerdo que era o João Santos do palmeirense na minha frente e eu não fui, ele meteu uma rosca nela tipo o que o Nelinho fazia, ela foi e voltou onde eu deveria estar, só tive que pedir desculpas por não ter acreditado que essa bola chegaria, então o bater na bola dele era uma coisa perfeita.

Ele tava no Príncipe Hotel e creio que depois do jogo deve ter ido tomar uma caipirinha no bar do Brotinho, debaixo do hotel, um dos diretores do Atlético, que deu um curió pra ele, comprou o pássaro pra ele quando ficou sabendo que ele viria, era botafoguense.

Pra gente ficou emoção e orgulho, poucos tiveram essa oportunidade e a gente felizmente fomos alguns deles.

Ele não fez gol, ganhamos de 3 a 1, parece que o primeiro tempo terminou 1 a 0, ele participou bem do jogo mas só passando, dribles fez umas duas ameaças daquelas arrancadas mas não foi porque já não dava mais pra ir como no passado.

Garrincha não tomava preocupação nem quando iria enfrentar Argentina, simplório, pra ele era mais uma pelada na vida, muito recatado e tranquilo.

Estava muito cheio o campo.

O Atlético tinha um uniforme normalmente camisa e meias vermelhas e calções brancos, nesse jogo jogamos com camisas brancas, calção vermelho e meias vermelhas e a camisa sempre com o escudo do VAC no peito.

Jogo normal, não pediram pra aliviar

Foi a Prefeitura que trouxe, num 30 de setembro, escolheram o Atlético porque era o time que representava a cidade, parece que a diretoria do time entrou só com alimentação e hospedagem porque o presidente era dono do hotel onde ele ficou.

15:30 o jogo começou no horário certo, ele ficou com a gente, se aqueceu e tudo, a gente que na nossa simplicidade, até queria ver e tocar pra saber se ele era real mesmo, ele não era falante, mas respondia com tranquilidade.

Ele pra mim era outro Messi, um outro ET, que era muito alheio ao mundo, tinha um mundo muito próprio, não entendo disso mas pra mim tinha um certo grau de autismo.

Pelé era atleta, Garrincha era jogador de bola, jogou em alto nível 6 anos e seguramente era amador, era tudo muito mais romântico.

Única coisa que discordo que o pessoal fala, é que ele não jogaria hoje, ele mataria os cara, o forte dele era bater na bola, mas a imagem de driblador supera o que ele era, mas batia na bola como poucos. Ele tinha um torque, num espaço de dois metros colocava um metro na frente de qualquer lateral, essa explosão dele era o grande diferencial, ele não cruzava uma bola, ele sempre dava passe pra alguém fazer gol, ele não é aquele que chega no fundo e bate aleatoriamente, ele chegava equilibrado pra achar o cara dentro de área, consagrou muitos centroavantes, jogaria hoje e muito.

José Mauro de Lima- 73 anos julho, quarto-zagueiro do Atlético, camisa 4

Minha participação nesse jogo também foi motivo de satisfação enorme, só de saber que estaria ao lado do mundialmente famoso Garrincha, embora ele já estivesse em fase de decadência como atleta, principalmente pelas questões físicas dele, mas foi uma satisfação imensa.

Minha participação devo ao Antenor, eu era reserva, o zagueiro titular tinha viajado, o nosso treinador Seu Zé Fontes não confiando em mim, porque eu não era da primeira linha dos jogadores. Acho que o zagueiro titular Rufino tinha machucado o joelho. Aí o Bode falou que eu era reserva, tinha que jogar e os titulares tinham uma moral danada com ele, mas participei do 1º tempo e no 2º entrou o jogador que ele queria iniciar. Então se eu tive uma participação numa partida ao lado do grande Garrincha, devo ao Antenor que forçou a barra pra minha escalação e foi muito gratificante.

O forte do Garrincha era o drible dele largava a bola e ia numa velocidade tremenda lá na frente e voltava, o lateral acompanhava, ele voltava e cortava pra dentro, então ele fez isso na ao lado da arquibancada, com esse lateral João Santos, aí o pessoal deu uma vaia no lateral porque o Garrincha já tava parado e ele foi naquela jogada. Aí no decorrer do jogo surge outro lance igual, quando o Garrincha ameaçou o lateral deu 3 passos pra trás e fez sinal “não vou nessa mais não”, na primeira ele foi, o lateral acompanhou, ele voltou mais rápido, cortou pra dentro, mas era um cara gozador, se afastou como quem diz “não vou fazer papel de bobo mais não”

Foi sem dúvida uma festa e o Garrincha embora aparentasse estar saudável já estava cheio de problemas em função do alcoolismo exacerbado, mas de qualquer forma foi um prêmio para Viçosa e principalmente pra nós. Quem esteve no campo e pessoas da cidade vizinhas se deliciou com a presença dele, estar vendo pessoalmente, porque na época até por televisão era difícil.

Sem dúvida Viçosa teve o privilégio de ver essa lenda e nós de participarmos.

Sou flamenguista acima de tudo depois cruzeirense, porque vivíamos aqui o futebol do Rio Ele não provocava esse confronto de bolas divididas até pelas limitações decorrentes do problema no joelho, mas não era que o marcador tivesse poupando, era temeroso de tomar um

drible e cair no ridículo, sendo mais um João na vida com ele na beira do encerramento da carreira.

Garrincha jogou com a 7

Todo mundo sabia o que ele iria fazer, mas ninguém conseguia parar, sempre ia pra direita e passava, mas não tinha aquela criatividade.

O carro dele era um galaxy, no máximo um empresário e mais um

Sebastião Nilton Rosado (Sebastião Nilton), 71 anos – zagueiro central, camisa 3 do Atlético, na época cursava Engenharia Florestal na UFV

Eu não vi o Mané jogar, eu joguei a favor e contra o Mané, no primeiro tempo ele jogou para o nosso time e no segundo para o Palmeirense, porque era mais uma comemoração, uma festa, não tinha uma competição, era mais uma confraternização. Ele jogou um tempo para um time e um tempo para outro.

Desde criança sempre fui ligado ao futebol, gostei de uma peladinha, no campo do colégio Viçosa desde criancinha batia umas peladas lá, juntava uma turminha, joguei muito tempo no salão, me ajudou muito, eu amo muito futebol, tanto é que até hoje bato minhas peladinhas, de time de velho (risos), domingo de manhã

Meu time de coração é o Flamengo, não sou doente, mas torço, tenho simpatia por outros, mas de coração é o Flamengo

Voltando a visita do Garrincha, a cidade ficou em polvorosa quando anunciaram que ele viria jogar aqui, não tinha muito tempo que ele tinha parado e Garrincha, além dele só tinha o Pelé que era mais famoso, Garrincha era famoso no mundo inteiro e vir jogar em Viçosa os incrédulos queriam ver se ele jogava mesmo, ainda estava bem fisicamente, o campo ficou lotado, não tinha lugar para mais ninguém, o pessoal ficou no bambuzal, no barranco, não tinha onde colocar mais gente no campo do atlético, foi um evento muito marcante.

Ele veio a Viçosa porque ele já tinha parado de jogar futebol, estava numa situação financeira difícil, porque ele jogou muito futebol, mas não ganhou dinheiro. Não posso provar, mas dizem que tudo que ganhava ele gastava, era jogo, bebida, farra, ele aproveitava o dinheiro, então ele não tinha recurso.

Quando ele apareceu no futebol ele já estava velho, não foi igual um Neymar que apareceu com 16, 17 anos, quando ele apareceu no futebol tinha 30 e tantos anos, ele não jogou muito tempo e nem em times famosos com bons contratos para ganhar dinheiro. Ele viajava pelo

Brasil inteiro, algum empresário estava ajudando, algo assim e ele recebia uma parte da renda, um valor simbólico, mas era coisa assim, veio jogar em Viçosa e ganhava não sei, uns R\$ 10 mil, então a renda pela quantidade de gente que teve aqui deve ter dado um dinheiro bom, porque a renda foi toda pra ele. Foi o Atlético que trouxe, junto com algum empresário, entraram em contato com o Palmeirense em Ponte Nova, porque tínhamos muita ligação com eles, porque o futebol em Viçosa estava decadente na época, só tinha praticamente o Atlético, o futebol aqui foi bom quando tínhamos 4 grandes times, o Atlético, a Luve, o Operário e Colégio Viçosa, mas foi caindo e nessa época só ficou o Atlético e a gente disputava o campeonato de Ponte Nova, fomos convidados pra isso, então o Palmeirense era quem tinha mais afinidade com eles, inclusive alguns jogadores que jogava no Atlético as vezes eram chamado pra jogar com eles lá, inclusive quando jogamos demos trabalho, só não conseguimos vencer porque Ponte Nova sempre teve tradição era um time que tínhamos mais afinidade, e tinha um colega nosso, que formou um ano antes da gente, o Satica (Luiz Pelinsari), que ajudou a articular a vinda do Palmeirense, pois jogava conosco e com eles

A gente nunca foi profissional, mas sempre fomos ligados ao futebol, gostamos e a sensação que a gente tem, até hoje ficamos muito satisfeitos com esse negócio “pô mas você jogou com o Garrincha”, dá uma sensação muito boa pra gente, acredito que pra todos os colegas que participaram é uma satisfação muito grande. De vez em quando encontra alguns colegas que tem muito tempo que não encontramos e falam “ó rapaz você jogou com o Garrincha”, recentemente foi publicado no jornal tá na cara e aí muitas pessoas que não estavam ligadas naquela época com o futebol tomaram conhecimento e isso traz uma satisfação muito grande pra gente.

Acredito que seria hoje R\$ 10, 15 mil reais, talvez até mais de R\$ 15 a 20 porque a renda foi pra ele e tinha muita gente, na época era um dinheiro bom porque ele não estava ganhando nada. Ele rodava por aí, rodou o Brasil inteiro nesse estilo de arrumar times para participar de tipo uma pelada.

O estádio lá ficou lotado, não tinha lugar mais, tinha as arquibancadas embaixo e atrás delas o barranco até muito alto, ficou pinhado de gente, nego sentando no barranco, lá em cima no bambuzal porque não tinha onde caber mais ninguém, foi uma grande festa, Garrincha pegava na bola a torcida subia, eles não estavam torcendo pra nenhum dos times, estavam torcendo pro Garrincha, na hora que ele pegava a bola era um Deus nos acuda, o povo aplaudia mesmo. As pernas dele eram muito tortas mesmo, a perna direita era torta pra dentro, a outra quase normal, fazia bem uma curva e talvez isso ajudasse ele, porque aquilo, como zagueiro, ele

parava na frente da gente você não sabia o que ele iria fazer, não só pela perna torta mas era um cara que você pensava “não vou entrar porque se entrar vou comer drible”, e ele não se esforçou muito, já não tinha mais aquele vigor então era só pra brincar mesmo.

Elza não veio, se ela viesse o estádio ia ter que dobrar de tamanho, porque era uma figura também muito popular.

Depois do jogo ele saiu com os diretores do Atlético pra uma churrascaria, algo assim, deve ter dormido em algum hotel e no outro dia foi embora. Depois que acabou o jogo cada um de nós foi pro seu lado, meu pai tinha um bar, quando acabou eu tive que ir ajudar, mas pelo que me consta eles foram tomar uns goles, era farra mesmo e ele gostava.

Era uma diretoria que dava muito valor ao futebol.

É algo que marca a vida da gente, “joguei com o Garrincha”

O jogo foi bem amistoso, o time do Palmeirense era um pessoal bem conhecido nosso, tinha muitos colegas nossos que iam jogar pra eles de vez em quando, não foi assim uma disputa violenta não. Ganhamos o jogo, o time da casa se esforça mais um pouquinho, mas não foi um jogo pegado, foi uma competição mais light.

O Bode era um dos jogadores daqui que estava sempre indo jogar lá pelo Palmeirense.

Eu lembro do gol do Dôti, ele fala que quis fazer aquilo mesmo, mas todo mundo fala que ele errou o chute, ele parece que foi cruzar a bola e ela acabou entrando, o goleiro comeu um frango.

Garrincha jogou light, pegava a bola, fazia as jogadas dele, cruzava, mas não foi aquele jogador decisivo, ele sabia que jogaria um tempo pra cada, ele estava ali pra exhibir, não disputar nada.

Não marquei ele diretamente porque era zagueiro central, mas ele não veio pra cima da gente querendo ganhar o jogo não, fez as jogadinhas dele, a torcida vibrava, foi mais exibição, e em termos de vigor ele também já não estava mais aquelas coisas.

O campo era menor, não tinha os padrões profissionais, mas o gramado sempre foi muito bom, arquibancadas bem próximas, mas pros padrões do interior eram muito bons.

Não conseguimos conversar com ele porque era tanta gente, no vestiário ele ficou separado, levaram a camisa pra ele, entramos juntos, mas a gente também estava em festa e quando terminou o jogo foi aquele tumulto, ninguém queria sair do campo, na hora que ele saiu do vestiário de roupa normal, foi um mundo de gente querendo ver ele, a sorte que naquela época não tínhamos celular igual hoje porque se tivesse todo mundo ia querer foto, naquela época quem tirava era 3 ou 4 retratistas que estavam lá, mas naquela época foi um mundo de gente

que estava ali, querendo ver ele, pegar, ver de perto, então acabou o jogo fomos embora, pra glória de ter jogado com o Garrincha.

Não existia isso do centroavante ser 9, seu reserva 99, daqui a pouco o outro reserva vai ser 999, o lateral-direito era camisa 2, o zagueiro central 3, quarto zagueiro 4, lateral esquerdo 6, o cabeça de área 5, mas também um time de futebol do interior não tinha esse mundo de camisas pra dar um número pra cada. Se eu jogava com a camisa 3, no próximo jogo se eu não jogasse, quem entrasse no meu lugar jogaria com a 3, porque um jogo de camisa de futebol tinha 16,17 camisas, acabava o jogo não tinha isso de trocar de camisa, a gente devolvia a camisa que ia pra lavanderia pra usarmos no próximo jogo, não tinha essa fartura que é hoje.

Toninho Messias e Zinho eram os pontas-direito, mas nesse jogo parece que nenhum dos dois foi.

A única foto que tem é aquela, que um fotógrafo da época tirou e depois de muito tempo apareceu no jornal.

Que eu saiba ninguém teve proposta de outros times.

Antônio Paulo Fernandes de Araújo, (Messias veio do pai “filho do Messias”), 72 anos, Toninho Messias, camisa 13 do Atlético.

Futebol é minha vida, eu tinha o sonho de ser jogador profissional, tinha condições mas na nossa época não dava dinheiro e minha família era muito pobre. Cheguei a passar no concurso da Universidade, estava apalavrado com o América, mas preferi ficar em Viçosa, lá ganharia 1,5 salários mas não teria nenhuma ajuda em caso de contusão. Vinha muitos times de fora nos enfrentar.

Sou vascaíno de coração, porque em minha juventude só víamos futebol carioca, porque aqui só passavam rádios do Rio de Janeiro aqui, Nacional, Rádio Tupi. O cinema aqui passava jogos, ficávamos, eu e meus amigos, em cima do cara do cinema aqui, perguntando qual seria o jornal da tela, se ele dizia que tinha futebol a gente ficava igual doido na rua tentando ganhar um dinheiro, pegando mala, engraxando sapato, entregando jornal, e ainda tinha que arrumar sapato emprestado pra poder entrar. Quando alguém queria ir, pegava o pé de um, amarrava o dedo do outro pé pra falar que tava machucado, porque descalço não podíamos entrar. Mas vibrávamos como se estivéssemos no Maracanã.

Cheguei a ver Pelé contra o Atlético, Santos perdendo de 1 a 0, um cara jogou uma mamucha nele falando “hoje não tem pra você negão”, Pelé sorriu fez 3 gols e sofreu um pênalti.

O jogo de domingo agora, a partir de quinta-feira que vem ele passava, como o cara tinha que ver tudo pra saber se não tinha fita arrebentada ele sabia quais seriam os jogos.

Mesmo vascaíno não sofri com Garrincha, dava prazer ver ele jogar, antigamente perdendo ou ganhando a gente saía feliz do estádio, porque tinha várias jogadas bonitas, grandes lances, o cara era torcedor e tudo mas não tinha briga. Era como um espetáculo de circo, todos iam pra se divertir, não é como hoje essa ignorância.

Nosso time era bom, uma vez pegamos o Tupi que tinha ganho do Botafogo por 2 a 1, chegamos e metemos 3 a 1. Hoje infelizmente não tem mais nada aqui.

Sobre o Garrincha veio bastante desgastado, com a vida bem debilitada, povo recebeu muito bem, ele era um cara fora de série, não tinha tristeza com ele, tudo dele você ria, ele fazia graça.

Em 59 estudei no seminário em Petrópolis ele tinha dois primos lá e quando ele voltou da Copa foi ver os primos, jogou uma peladinha com a gente. Mas a felicidade dele era passarinho, ele levou uns dois coleirinho e alguns canarinhos pra Pau Grande.

Aqui o campo encheu, o povo apoiou, deu moral, aplaudia mesmo quando ele errava, porque ele já estava com problemas, a perna não ajudava.

Foi o Atlético quem trouxe, fizeram uma oferta pra ele e trouxeram, um dia normal, fecharam um pacote para ele jogar pela região.

Fizemos um jogo em Leopoldina no meio de semana e machuquei meu tornozelo, eu já ia ficar na reserva mesmo (risos), eu era ponta-direita ou esquerda, baixinho, mas qualquer lugar na frente. Fiquei chateado por não participar, não podia nem beber porque estava tomando remédios, o pessoal após o jogo foi para uma churrascaria na PH, na sede, ele contou de quando tomava as injeções, porque o Botafogo tinha uma taxa quando ele jogava e quando não jogava. Por ele ser um cara totalmente analfabeto, passou por muitas coisas, sofreu muito. Não teve nada de problema com pensão para obrigá-lo a vir aqui, ele ganhava pouco, gastava muito, era alcólatra, os amigos tentavam tomar dinheiro dele mas tinham que devolver, o dinheiro era dele, chega a emocionar o que ele passou.

Conversei pouco com ele, mas ele lembrou do seminário, que Paulo César e Dalmo, sobrinhos dele falando com aquele jeitinho dele “hoje eles são doutor, trabalham em empresa grande, tem muito dinheiro” (fala Garrincha). Quem conversou mais com ele foi o Bode.

Sensação quando soube que ele vinha, foi de ver um ídolo, ídolo mesmo, não adianta querer falar que não atrai, porque atrai sim. Quando soube que não poderia jogar fiquei triste demais, era uma oportunidade única, são coisas que deixam a gente chateado.

Ingresso foi preço normal porque apesar da Universidade o poder aquisitivo aqui era pequeno, não sei quanto ele recebeu para jogar aqui, estava cheio mas o jogo contra o Cruzeiro no centenário de Viçosa tava mais cheio, foi mais caro, porque a Prefeitura deixou cobrar porque seria uma doação. Nesse dia com Vitor, Neco, Palhinha, Toninho Almeida, Roberto Batata e Joãozinho, um time que estava bem demais, passando igual fórmula 1 por todos e chegamos a jogar de igual para igual com eles.

E o Garrincha não tinha mais condições de jogar, tava correndo atrás de um troco pra ele.

Mesmo ele mal, fazia aqueles dribles, largava a bola, voltava, fazia a gente rir. Aquela jogada de corpo ele fez várias vezes, só não tinha mais velocidade, acho que teve uma jogada de gol que ele participou. Por exemplo não concordo com o que Neymar faz, para a bola pra driblar, mata contra-ataques, o Garrincha era diferente driblava, não caía com qualquer coisa e ninguém conseguia parar, mesmo ele exagerando nos dribles, então não dá pra comparar.

Todo mundo queria pegar nele, todo mundo queria chegar nele, ele dava autógrafa pra uns, outros ficaram sem porque era muita gente. Foi um jogo bonito, todos alegres, ele pode não ter se apresentado como antigamente mas era um ídolo, só a presença dele aqui, ele ganhou uma Copa sozinho. As pessoas falam que ele sempre bebia antes de jogar, tem uma lenda nisso né mas não posso confirmar, não fiquei tanto tempo com ele. O fato é que ele só jogou o primeiro tempo, não aguentou, o joelho dele começou a inchar.

A arquibancada era uns 10 centímetros para o campo, muito próxima do campo, acima do barranco tinha uma mata, às vezes até desciam cobras, tinha gente que arrebatava a cerca pra enfiar a cabeça e ficar vendo.

Aquela época ser jogador era vagabundo pras pessoas tudo era mais difícil, uma vez eu estava com a 7, não me lembro o jogo, caí pelo lado esquerdo e o juiz veio me questionar que como camisa 7 devia jogar na direita

Garrincha no auge pra parar ele era só com um tiro.

Maurício Fontes, meio campo, camisa 5 do Atlético

Creio que foi o Atlético quem trouxe, porque na época o Presidente era o Guy, ele era gerente do banco se não me engano, tinha uma relativa folga em termos de dinheiro, porque ele fazia

muito, pagava as coisas pra a gente, alguém tava com chuteira ruim ele ia e comprava a melhor que tinha e dava sem ser coisa do atlético, então não duvido que ele tenha conseguido isso nesse estilo, ele deu uma boa parte, conseguiu pessoas que o ajudassem, não sei se teve algo oficial, mas eu não duvido que ele tivesse arcado com a maior parte da vinda do Garrincha, suposição minha. Lembrava de 5 mil do dinheiro que era na época.

Hoje fico pensando porque não tentei tirar uma foto com o Garrincha talvez pela aura, e pra mim um sentimento forte foi que ficou uma dualidade de Garrincha, toda aquela coisa em torno, Garrincha vem jogar, vestiário, pessoas querendo conversar, ter contato e em volta disso aquela aura, que muitos consideram o maior driblador do país. A medida que o jogo foi desenvolvendo vi que aquela aura começou a quase que ruir porque já não era aquele Garrincha, então pra mim ficou dois aspectos, ver um dos maiores nomes da história do futebol brasileiro e ver que não era mais, que ele tinha perdido, por uma série de fatores, problemas com bebida, etc, então no final uma parte dessa aura se transformou num sentimento mais melancólico, em que se transformou o Garrincha.

O termo João eu entendo que não importava seu nome, quem ele era, ele deixava de ter nome quando enfrentava o Garrincha exatamente por se tornar um freguês quando o Garrincha começava a driblar. E tenho que para mim o marcador aqui de Viçosa na ocasião, deixou de ser um João, se tornou quem ele era porque conseguiu marcar o Garrincha, lembro direitinho que ele praticamente deixava o Garrincha fazer, ele falava “me dribla, vem”. A gente dava a bola pra ele, ele tentava, via que não ia conseguir e voltava a bola pra gente e ele não conseguiu ao longo do primeiro tempo um drible sequer, de driblar, ir ao fundo e cruzar.

Minha lembrança talvez seja um pouco dura por ter derrubado aquela aura, mas foi dele ter feito poucas coisas, claro que pode ter tido um drible, uma coisa ou outra, e só, mas assistência não lembro.

Acho que foi mais aquela coisa de quebrar aquela aura, não importa o que falavam, dele beber, tomar injeções no joelho para jogar, era o que líamos e sempre ficava aquela aura, e no momento que vimos efetivamente ver aquela áurea ser quebrada, pra alguns foi mais forte, pra outros indiferente e pra mim foi forte de quebrar algo que pra mim estava lá em cima, um exímio driblador e isso ninguém conseguiu ver, uma jogada ou duas é muito possível, mas o aspecto maior foi isso, eu não consegui ver ele transformar alguém num João. Definitivamente dava pra ver que o lateral tava deixando, mas ele não conseguia, lógico que tem seu aspecto relevante histórico, sair algo sobre isso acho que seria bem interessante.

Ele era calado, tinha lógico, as pessoas querendo, se aproximando, não lembro se conversei especificamente com ele.

Diria que ele não esperou até o final do jogo, se não teria chamado a atenção.

Na nossa época as pessoas tinham que estourar completamente para ter um nível de vida razoável, então as famílias se preocupavam em estudar os jovens, nas cidades maiores talvez fosse mais possível, em alguns casos alguém com habilidade para estudos e futebol poderia fazer os dois, mas aqui não, era Atlético ou Luve, optamos pelo Atlético pois era o time da cidade. Nós tínhamos mais habilidade para estudar então focamos nos estudos. Quase todos ali enquanto jogavam estudavam. O Isidoro veio depois da gente, já conseguiu uma projeção maior, é uns 4 a 5 anos mais novo que eu.

O campo ficou cheio, a arquibancada era só de um lado, do lado da rua tinha cerca e logo atrás dela os eucaliptos, oposto as arquibancadas. Quando estávamos ganhando por exemplo e queríamos ganhar uns minutos ou despachar a bola alguém gritava “manda pro eucalipto”

Tinha um terreno vago atrás de um gol, que ficavam sim pessoas, menos, porque não tinha conforto, no outro gol, atrás era o vestiário, a parte que não tinha vestiário era alto então não dava pra ter visão. Era usual, quando ficava mais cheio a arquibancada, as pessoas subiam no barranco pra ver o jogo.

O campo era bem conservado, grama bem cuidado, era dos bons campos da região.

O jogo foi completamente amistoso, sem muita disputa, ainda mais pela presença dele, bem tranquilo

E na época tínhamos um futebol de encher o campo, com o Atlético, a Luve, o Colégio Viçosa e o Operário.

Hugo Pacheco, volante/zagueiro, camisa 5 do Palmeirense

Fomos avisados desse jogo porque tinha a turma de lá que jogava com a gente.

Fomos completos mas perdemos, Maninho Zaidan de Ponte Nova, que era nosso treinador colocou nosso lateral esquerdo e o ponta pra marcar, o primeiro lance que ele pegou a bola, puxou os dois trombaram, só rolou a bola pro Sérgio, dali a pouco mais um drible outro gol, aí na virada do jogo pro segundo tempo ele saiu.

Não sei quem arrumou o jogo, fomos apenas convidados, porque uma turma de lá jogava aqui, o Bode, o Ruy.. Ele jogou o primeiro tempo para o Atlético e saiu no intervalo.

Cada dia ele ia num lugar pra arrecadar um dinheiro.

2 gols no primeiro tempo e 2 no segundo, o time deles também era muito bom.

A maior parte da torcida era de lá, havia alguns de cidades vizinhas que não sei precisar quais são.

Tim Zaram, Presidente do Atlético

O clube foi fundado em 30 de maio de 1927 por um grupo de associados. O primeiro campo do Atlético era no Pau de Paina, então estudantes, operários, atletas se reuniram e compraram esse terreno em que hoje é a sede campestre e construíram aqui, não tenho certeza na verdade. Tudo era futebol, participava de campeonato em Ubá, Ponte Nova, toda região. Tinha diversos times mas não lembro. Acabou o futebol porque queriam usar o campo pra campeonatos mas não queriam pagar. Me lembro pouco do jogo do Garrincha, ainda não era presidente. Não sei quem trouxe, não tirei fotos porque na época é difícil, é possível que alguém tenha, mas não sei. Presidente era José Guy Costa. Antigamente era uma meia dúzia de times.

Sérgio Mafra (Serginho), zagueiro do Palmeirense, camisa 4

Apesar de ser baixinho, eu tinha uma boa impulsão, mas também sempre indo de bicicleta para os treinos, tinha que ter força nas pernas mesmo. Antes do jogo nem tive muita noção, a gente nem pensava no tamanho do Garrincha eu acho, não fiquei com medo nem pensei em nada diferente pra marcar ele não. O campo tava lotado, não lembro o placar. Nosso treinador poderia ser o Maninho, mas não sei, não tenho lembranças. Creio que o Satica que alinhou as coisas, pois ele era o mais próximo dos dois times. A única coisa que lembro foi que fiz questão de ver como era a perna do Garrincha, tinha curiosidade, cada um falava uma coisa, eram bastante tortas, nem consigo explicar. Não lembro muito desse jogo, nosso pontaesquerda o Lourival não entrava de jeito nenhum na bola com medo de tomar drible. Fotos não sei também, não era costume na época.

Miguel Antônio Pacheco (Neném), camisa 10 do Palmeirense * mora no Amazonas atualmente, ativista das causas ambientais, nunca atende ligações, contato por email, faltam questões já enviadas a serem respondidas

Normalmente eu jogava com a camisa 10, era um meia - campista , aquele tipo de meio - campo mais avançado, um planejador de jogadas. O futebol entrou cedo na minha família, todos jogavam, o irmão mais velho, Pedro Pacheco, chegou a ser campeão em Ponte Nova, o Hugo Pacheco, um andarilho do futebol, aquele tipo q jogava em todos os clube e por fim, eu , neném, q comecei bem cedo, criancinha, brincando no quintal. Aos sete anos , era o "moleque" das peladas no Oratório, do Colégio D. Helvécio, em Ponte Nova. Aos 10, já jogava no "canarinho" betume mirim do oratório e ao mesmo tempo no mirim do Palmeirense. Aliás, sempre brinco que nasci no campo, pois o campo do E C Palmeirense era no fundo de minha residência, eu tinha acesso pelo quinta e o oratório, bem ao lado, no famoso D. Helvécio. A minha relação com o futebol era de muita "intimidade" e se mantém até os dias de hj, batia peladas, todos os dias, jogava campo e salão, uma especialidade q me deu muitos títulos. Ainda criança fazia coleção de figurinhas e álbuns de jogadores e tenho alguns de várias copas. Ainda novo recebi varias propostas de clubes grandes. Mas naquele tempo, morando no interior , a dependência de meninos ou adolescentes era total, o futebol ão era visto como uma profiao ou algo vantajoso. Meu pai era um homem, digamos assim, de boa posse, e não apoiava essa relação mais profunda. Mas foi o futebol q me levou morar em Manaus, no Amazonas, onde me tornei , vamos dizer assim, famoso. Dei sequência na relação, fui campeão de salão da cidade, por várias vezes, campeão do maior campeonato de indústrias do país. Tbm artilheiro e craque da competição, com incríveis 58 gols. Fui campeão universitário. E recebia convites de todos os clubes profissionais da cidade, mas os clubes eram praticamente amadores, não tinham estruturas. Ainda cheguei a ser anunciado como uma novidade por um deles para um campeonato Brasileiro. Mas não foi a frente, isto em 78, mas não valia a pena. Mas a fama de craque e de ter uma relação didática com o esporte e o futebol, fez com que me tornasse , bem mais a frente, nos anos 80, o presidente da Atlético q organizou e foi campeão dos jogos universitários, nos anos, de 82 a 84. Tbm era comum ser requisitado para jogar campeonatos ou finais de copa. Foi com essa fama que cheguei a ser SECRETARIO DE ESPORTES MUNICIPAL DE MANAUS, na gestão do prefeito Serafim Corrêa., creio 2004 a 2007, tbm fui membro titular do Conselho de Esporte e participei com representante da prefeitura da organização e do comitê gestor da Copa do mundo no Brasil. Tenho um imenso orgulho de ter criado varios projetos de esportes que permacem até os dias de hoje. Então, como se pode ver, o futebol faz parte da minha história de vida.

Era comum no interior de Minas se torcer para os grande Clubes , às vezes de outros estados e na minha família, o três irmãos são flamenguistas, mas tbm, atleticanos e santistas. Aliás, ser santista, era um opção de coração- torcer pelo melhor de todos- o PELÉ..

Não tenho essa lembrança do motivo e de quem arranjou o jogo, mas era comum , o Garrincha ser homenageado, também uma espécie de caça-níquel, pois como todos sabem, o homem de pernas tortas e que fazia de "João " seus mercadores, não conseguiu "driblar a vida", tropeçou nas armadilhas do tempo e da vida, tornou-se um alcoólatra e morreu pobre.

Pinheirinho, José Pinheiro Gomes, ex ponta-direita do Atlético nas décadas de 1950 e 1960

Hoje estou com 93 anos, joguei no Atlético de 1950 a 1965, quando parei formaram outro time, porque os jogadores da minha época se aposentaram, quando comecei esse campo já existia há vários anos.

No meu tempo era um timasso, hoje qualquer um de nosso time pegaria um profissional, jogávamos em rio branco, araponga, ponte nova. Eu era ponta-direita, camisa 7, o campo lotava, as arquibancadas, joguei com o júnior do Flamengo, Madureira titular, o Didi veio e saiu pra seleção brasileira, o cara que trouxe o Madureira, jogava lá, mas era daqui. Jogamos duas vezes contra eles, por volta de 1958. Joguei até 1965, depois formamos um time de veteranos e jogávamos nas redondezas, era do Atlético mas não o time principal.

Garrincha veio mais ou menos em 1973, 1975

Quase fiquei no Tupi de Juiz de Fora, eles precisavam de um cara mais jovem pra ponta, fui bem tratado, mas pesou a questão de família, não era como hoje, mais facilidades, jogadores jovens já recebem propostas grandes, são titulares dos times, aquele tempo era difícil sair, hoje com 15 anos o menino vai para Belo Horizonte e fica lá, alguns pais até incentivam, o clube dá alojamento, todas as condições,eu treinei em Volta Redonda, no time da Siderúrgica, o chefe da Siderúrgica local era treinador do time, pegou minha carteira profissional, mas não quis ficar, meus pais aqui.

uma vez fiz um gol contra universidade, no ultimo lance, ganhamos de 1 a 0, fiz um gol de calcanhar, o lateral esquerdo jogou a chuteira em mim de raiva

Qd Garrincha veio eles jogavam por toda a região, o time era regular, o campo ficou lotado, garrincha você ja viu, famoso na epoca, mesmo querendo parar, bebia muito, trouxeram pra

dar o pontape, n chegou a jogar, a turma ficou pedindo entrevista, ele assinando bola, camisa, as pessoas foram pra ver ele e o futebol depois.

Eu sabia que ele vinha só rolar a bola, ficou no meio da turma, todos queriam ver, tratava todos bem, mas só lembro disso, até porque a verdade é que ele não jogou, só deu a saída mesmo, o Atlético trouxe só pra isso.

Jogávamos campeonato fora Ubá, VRB, Tocantins, Ponte Nova, inauguramos o campo de rio branco, o atletico ia inaugurar, mas como não pdoe fomos nos que inauguramos o refletor, aqui não tinha luz também, a gente treinava 3 a 4 vz por semana, quando não tinha jogo domingo treinavamos tambem, sempre de dia

Televisão acabou muito com o esporte, antigamente as pessoas precisavam ir ao campo pra ver, agora assistem em casa, não vão aos campos.

Antigamente a gente batia a bola na cabeça do centro-avante, eu era batedor de escanteios e pênaltis do time, mais de 10 anos, chegava cedo, treinava, hoje parece que não treinam, batem mal demais

Na época a gente não recebia, era só comida e hotel e transporte quando fora, tinha bixo se ganhássemos, uma cerveja também

Quando jogávamos mal a torcida vaiava

uma vez jogamos contra um time de carangola, 48 mnts do segundo, 1 a 1, recebi uma bola de fora da área, chutei no canto, o goleiro ainda resvalou mas a bola foi pro gol, saí carregado, do meio do campo até a entrada do estádio.

Atlético e universidade eram os que dava mais trabalho, a alegria em viçosa na época era o futebol, ia na praça as pessoas discutiam sobre, hoje infelizmente não temos mais isso

Álvaro José Gouvea, goleiro do Atlético, camisa 1

A perna dele ficou a poucos centímetros de mim, eu sentado abaixo da cama de massagem, ele do lado, n fiquei nervoso vendo suas pernas, o que essa perna já fez, pela seleção, esse cara ja deu muito show, essa perna ja fez muita gente correr atrás dela,

achei estranho a chuteira dele ser tão velha, ele até deixou pra trás, como eu ficava muito na sede ajudando um colega que trabalhava lá, fiquei com ela, mas dei pra um rapaz que há muito não vejo

O campo não tinha iluminação, a gente treinava à tarde,

Quando começou o jogo, acho q todos queriam dar a bola pra ele, na saída já tocaram pra ele, n sei se tinham feito o esquema de marcar ele, o garrincha pegou a bola, o cara parou na frente dele e deixou a marcação pro lateral, acho q ficou c medo de tomar drible e ser gozado no intervalo cheguei na janela do vestiário e vi ele descendo sozinho, ainda usando a camisa 7 que usou, branca, n vi se foi pegar carro c alguém, ate perguntei “uai ele vai jogar mais nao”, tava c uma bolsa na mão, não sei se era com o dinheiro

sebastiao dirigente foi me buscar no tiro de guerra, estava de plantão lá o vestiário tava cheio de gente, todos querendo chegar perto”

o vestiário era um cômodo grande, um banco de alvenaria num canto, duas janelas que dava pra frente, uma pia, caixa d'água lá dentro

plantão no tiro de guerra

cheguei tive q ficar debaixo da mesa pra trocar de roupa, eu e curuca, Garrincha estava em pé trocando, não colocou atadura nem nada, só meia e chuteiras,

O povo ficava mais de curioso, ele tb n era muito de cvsa, n vi nem jogadores cvsa c ele, no campo teve fotos

chuteira trava de sola, c prego, ficava todo torto por causa do pé dele, era de qualidade, não sei a marca

já tava um pouco gordo

onde era a loja azul, era bar do brotinho embaixo do principe hotel, ele criava curió, fazia parte da diretoria, acho q garrincha levou curio, n sei se pagou ou não, valor uns 400 dinheiro da época

na época se falava muito nas ruas, o garrincha vem aí

não teve grandes lances dele, a gente via a qualidade, não errava passes, tinha bom posicionamento, pode ser que fez a diferença pq o time ficou preocupado com ele e esqueceu outras coisas.

Na época o Atlético disputava campeonatos em Ponte Nova, alguns de nossos jogadores jogavam no Palmeirense as vezes, daí a proximidade e o convite, creio

eu torcia pro flamengo, a maioria era flamengo

ingresso 20 a 30 reais

elza soares não veio

Seu carro era ford galaxy ou itamaraty

Nicolau da Costa Mol, goleiro do Palmeirense, camisa 1

Fui apenas jogador amador em Ponte Nova, por Palmeirense e Pontenovense, era torcedor do Botafogo. Não me lembro, não tenho certeza, mas parece que Viçosa queria fazer homenagem a Garrincha, tipo uma partida de despedida. Na época eu era jogador do juvenil do Palmeirense.

Da minha parte não teve preparação especial para enfrentá-lo,, fiquei sabendo que ia jogar, um dia antes do jogo, pois jogava no juvenil e os goleiros do time titular tiveram problemas e não poderiam jogar. Não me lembro quem era o treinador do Palmeirense. O estádio ficou cheio, mas não tenho noção de público, sei que a torcida se agitava bastante quando Garrincha tentava fazer as suas jogadas características, mas não sei se ele chegou a fazer algo. Foi uma honra muito grande, jogar contra um bicampeão mundial e um dos maiores ídolos do meu time do coração. Creio que ficou 4 a 0 para o Atlético. Sobre valores não tenho noção, a gente só jogava bola. Um lance que marcou e eu lembro um pouco foi uma falta próximo da área do Palmeirense que foi cobrada pelo Garrincha e eu fiz uma ótima defesa, a bola passou por cima da barreira, chegando em meia altura no meu contrapé, e com meus 1,67 consegui defender, esse lance está vivo em minha memória até hoje. Gol ele não fez, assistência não lembro.

Wander Santos (Tinim), cobriu o jogo pela rádio Montanhesa

A minha relação com o futebol é muito intensa, é diária, é profissional, sempre atuei na área de esportes desde o meu início no jornalismo esportivo, na Folha de Viçosa (hoje Folha da Mata) e Rádio Montanhesa de Viçosa. Uma paixão que se tornou profissional nas emissoras que atuei, Rádio Educadora de Coronel Fabriciano, Rádio Itatiaia Vale do Aço e BH, Rádio Vanguarda de Ipatinga e Colunista e Editor de Esportes no Jornal Classivale com 34 anos de atuação, desde 1985. E outras como freelancer, a saber, Rede Gerais de Rádio (BH), Quintal FM (Viçosa) , Inconfidência (correspondente no Vale do Aço na década de 90), INTERT TV, afiliada da Globo, no Leste de Minas/ sedes em Ipatinga e Governador Valadares) como comentarista analisando os times mineiros no MG INTER TV 1ª Edição). Na época era locutor apresentador e repórter da emissora, repórter do jornal Folha de Viçosa e professor de Ciências no turno da noite, no Colégio Raul de Leoni. Atualmente no Vale do Aço, continuo na imprensa, diretor e editor do Jornal semanário Classivale, de Ipatinga, há 34 anos. Jornalista e radialista, comentarista de TV como convidado. Meu time de coração é Clube Atlético Mineiro- O Galão da Massa, além do Vasco da Gama.

Quando Garrincha chegou não houve nenhuma recepção especial para o Garrincha, apenas alguns torcedores mais fanáticos foram a porta do hotel para saudá-lo. Viçosa ficou na maior expectativa, principalmente por parte dos mais jovens e aqueles que ainda não tinham visto Garrincha jogar no Botafogo e na Seleção. A maioria não conhecia Mané pessoalmente. A cidade respirava Garrincha, só se falava na vinda do craque, mesmo sabendo que não era o mesmo de tantas jornadas épicas, não tinha mais o vigor físico que o consagrou com os seus dribles desconcertantes, com seu talento com a bola nos pés, de fazer muitos marcadores de “Joãos”.

A vinda de Mané Garrincha a Viçosa era parte de uma turnê que o jogador fazia pelo interior do país para angariar fundos, arrecadar dinheiro, já que ele não atuava mais profissionalmente em nenhum clube, e passava por momentos difíceis financeiramente. Foi no dia 19, um domingo de setembro, mês de aniversário da cidade, 1973. A apresentação do Garrincha teve o patrocínio da Prefeitura, com apoio da rádio Montanhese e do Jornal Folha e Viçosa, do Viçosa Atlético Clube juntamente com o Palmeirense, de Ponte Nova. O contrato foi estabelecido entre o empresário dele, o Felizardo, e uma comissão organizadora dos festejos da cidade, com os participantes citados acima.

A escolha do Atlético foi por ser o principal clube da cidade, o único que tinha estádio próprio, mais estrutura, sede social própria, o mais tradicional time de futebol da região. O Atlético sempre teve ótimos times de futebol, recheados de grandes talentos, craques nascidos na cidade e reforçados com vários alunos da Universidade que tinham o perfil do clube, em toda a sua história. O Estádio Carlos Barbosa, tinha arquibancada do lado direito dos vestiários, foi construída no barranco com um paredão com três metros de altura, cinco degraus de assento e tinha o comprimento de toda a extensão do campo de jogo; e atrás do gol que ficava ao fundo do campo, de frente para os vestiários. Do lado esquerdo era apenas a cerca e reforçada por uma série de eucaliptos que tinham a função de impedir que a bola caísse na rua de baixo e retardasse o jogo. Naquela época só haviam duas bolas, uma de cada time. Nesse mesmo lado ficava a cabine para rádio, bem modesta, pequena, construída de madeira, era dividida ao meio, espaço apenas para duas pessoas em cada uma. O gramado não era bom, era razoável para os padrões da época. A entrada dos jogadores e torcedores era única. portão único, Os jogadores se dirigiam para os vestiários que ficam na entra e os torcedores seguiam para a arquibancada. era um prédio de dois andares, três vestiários na parte de cima e banheiros e chuveiros na parte de baixo. O prédio ficava praticamente em frente ao portão único.

O evento foi “parceria”, a promoção foi absorvida pela responsabilidade da Prefeitura que bancou as despesas do jogador na cidade e incluiu o jogo na programação de aniversário e também dos dois times assim como arbitragem e outros itens do jogo.

O futebol, em Viçosa nesta época era muito forte, muito competitivo e reunia muitos craques, ótimos jogadores em todos os times, com dois a três excepcionais jogadores em cada time. Ótimas equipes que disputavam o campeonato municipal, reunindo Atlético, Colégio de Viçosa, LUVE- Liga Universitária Viçosense de Esportes (alunos da Universidade) e o Operário Futebol do Clube, formado por funcionários da Universidade. No ano seguinte o Colégio Raul de Leoni passou a disputar o certame municipal; depois vieram Viçosa Clube, Viçosa Tênis Clube, o Ajax, Covel, Tijucão. Viçosa neste ano estava em pleno desenvolvimento, a universidade abria mais cursos, a rede de comércio apresentava novidades para atender melhor, serviços e produtos, a Mundial crescia e diversificava seu nicho de mercado. Eram criadas novas opções no setor educacional. A construção civil começa a engrenar com novos projetos. A cidade crescia sob os nossos olhos.

Pela sua exibição Garrincha receberia 80% da renda bruta, além de todas as suas despesas pagas. Não me lembro do valor do ingresso, mas a arrecadação foi abaixo do previsto. Esperava-se uma arrecadação em torno de doze mil cruzeiros (moeda da época) e a renda apurada foi Cr\$ 4.765 mil cruzeiros. A partida foi no horário habitual de 15h30. O estádio recebeu um público aproximado, entre 1.800 a 2.000 pessoas.

A sensação de cobrir o jogo foi ótima, gostosa, era a chance de entrevistar um dos maiores craques do futebol mundial, o gênio das pernas tortas. O jogo era aguardado com muita ansiedade, poder colocar no meu currículo, o Mané sendo entrevistado, ali no estádio, no campo de futebol. Foi ótimo, cobrir o jogo, dando detalhes sobre o Garrincha, o gênio das pernas tortas. A reportagem em campo na equipe da Montanhesa, dois times já conhecidos por mim em transmissões esportivas anteriores, o VAC e o Palmeirense. Entrevistei o Garrincha antes, durante e depois da apresentação dele. Conversei muito com ele antes do jogo, no Príncipe Hotel e depois da partida. O tom da conversa foi sobre a vida dele, os momentos vividos na glória e na fase decadente com contusão no joelho que o impedia de continuar jogando em times profissionais, daí o vício pela bebida ter se acentuado mais e as noitadas na boêmia. Ele sempre respondia sobre futebol, seus dribles, a torcida do que o idolatrava, Botafogo, Seleção Brasileira, a passagem pelo Corinthians, o jogo que iria jogar dali a pouco em Viçosa, falou sobre poder levar alegria aos

torcedores que o foram ver. Lembrou também como Elza Soares sempre fora uma grande companheira.

Relação foi de boa, de torcedor para o ídolo, a torcida o aplaudiu em diversos lances, quando ele tentou os seus famosos dribles, às vezes não conseguindo, mas em alguns levantou a torcida. A reação dos torcedores foi bacana. Toda vez que o Garrincha tinha a bola nos pés, a torcida se levantava na expectativa de seus dribles, na sua arrancada e nos seus cruzamentos. Era uma festa. A atuação foi bem moderada, discreta, claro que não era o mesmo das Copas do Mundo e nem do Botafogo. Mas agradou pelo que fez em campo dentro das suas limitações. Atendeu com o seu carisma a curiosidade dos torcedores que foram vê-lo atuar. A expectativa era ver o Garrincha em campo, com a bola nos pés. Fez o seu papel. Algumas jogadas de efeito, como exibição, mas a partida foi definida pelos demais jogadores do Atlético em campo. Muito superior ao Palmeirense, o Atlético não teve dificuldades para fazer 2 a 0, ainda no primeiro tempo com Garrincha em campo. Na etapa complementar a torcida viu mais um show do Atlético e sem a presença de Garrincha e a preocupação de ter que acioná-lo sempre no jogo o time do VAC marcou mais dois gols, fechando em 4 a 0. Os gols de Sérgio e Curuca, no primeiro tempo e Gilvani e Ruy no segundo tempo.

A nossa equipe de rádio foi composta por Gilberto Pinheiro, narrador, João Bosco Torres comentarista, José Carlos Gouveia comentarista de arbitragem, Nilton Gonzaga, no Plantão Esportivo e Wander Santos nas reportagens. O Gilberto Pinheiro que narrava o jogo sempre era eloqüente ao descrever a jogada ou imaginar o que o Garrincha poderia fazer: “Lá vai o gênio das pernas tortas, vai tentar fazer mais uma jogada endiabrada pra cima do seu marcador. Será que ele vai fazer mais um marcador de João? Passou Mané Garrincha, deu um drible, a torcida se levanta e aplaude . Esse era o Mané das Copas!!!”. “Esse é o Mané da Elza Soares, o Mané de Pau Grande!”

Elza Soares não estava, não veio.

Acredito que não tenha gravações. Pois a emissora não guardava os tapes (gravações) na época, não arquivava. Na época as gravações eram apagadas depois de certo tempo pelos técnicos da rádio. Não faziam arquivos, não se preocupavam com a memória. Foi gravada, porque depois reproduzimos os gols, mas devem ter sido apagadas, jogadas fora

Ele chegou em Viçosa no dia do jogo, pela manhã. Pernoitou na cidade após o jogo e viajou no dia seguinte. O Bar do Sebastião Brotinho, não existe mais, era anexo ao Príncipe Hotel, onde servia a melhor caipirinha da região. Foi ali também que Garrincha, após o jogo, já a noite tomou um conhaque e experimentou a famosa caipirinha.

Não me lembro para qual cidade ele iria fazer outro jogo de exibição. Sei que era outra uma cidade na Zona da Mata Mineira.

José Luiz Rufino, zagueiro titular do Atlético, camisa 4, 68 anos

Não joguei, fiquei chateado da vida, era estudante da Universidade, fiquei morto de chateado por não jogar. Nem assisti ao jogo, operei os meniscos um tempo antes, não consegui nem ir ao campo. Lembro bem do Geraldo Guariba, nosso massagista, fazia uma massagem daquelas, o Presidente Guy, infelizmente foi assassinado por uma mulher, talvez mexeu com ela bêbado, porque gostava de uns goles mas não era de confusão, e nosso treinador seu Zé Fontes, era um homem espetacular, um paizão, uma dama, pessoa muito boa, afável, você não pode por isso no texto não (risos) não entendia muito de bola, lembro dele falando “pênalti é rasteiro, forte e no campo”. Mas do jogo não tenho nenhuma informação.

José Guy Costa Junior, filho do José Guy Presidente do Atlético

Rapaz eu tinha 5, 6 anos na época, andava muito com meu pai mas não lembro, na hora do jogo fiquei jogando bola com meus amigos, sempre era mascote do time mas neste dia não cheguei a tempo. O Garrincha passou um tempo em nossa casa na parte da tarde antes do jogo, morávamos perto do Atlético, tinha pessoas lá, mas não me lembro de nada. Já estava até acostumado de certa forma, pois alguns jogadores do Cruzeiro, como os goleiros Raul e Vitor, já haviam se hospedado lá, entre outros que não me lembro. Meu pai sempre tirava dinheiro do bolso para ajudar o clube, não era por ser meu pai, mas era apaixonado pelo Atlético, fazia tudo que podia.

José Muanis - Professor aposentado da Universidade Federal de Viçosa, na época era estudante e simpatizava com o Atlético de Viçosa e o Botafogo do Rio de Janeiro.

Não me lembro do resultado pois 45 anos não são 45 dias, mas o Garrincha jogou só um tempo, o primeiro, pois já estava com as pernas bastante atrofiadas, e foram os quarenta e cinco minutos mais mágicos de toda minha vida acompanhando futebol. Cada vez que ele pegava a bola a torcida já se levantava esperando que aprontasse uma das suas pra cima dos marcadores, que nada

podiam fazer quando ele resolvia que iria ultrapassá- los. Depois do primeiro lance dele, que deixou o lateral deles sentado, dava pra ver que o restante dos adversários, literalmente tremeu como dizem atualmente no futebol. Cada vez que Garrincha pegava na bola eles iam recuando, com medo de que fossem os próximos, porque mesmo que todos sabiam que ameaçaria levar a bola, e depois ia movimentar apenas o corpo e passar do lado contrário do marcador, ninguém conseguia pará-lo.

Começaram a apelar pra violência, aproveitando que o Garrincha já estava baqueado, o álcool já havia consumido boa parte do seu físico, mas aí não sei se a ideia foi do treinador do Atlético, ou do próprio jogador, mas com uns minutos de chegadas mais fortes ele foi jogar mais no meio, quase como um ponta de lança, que hoje seria o meia-atacante centralizado, e a partir daí desandou o Atlético começou a jogar mais solto, mesmo sem conseguir ter a velocidade de antes com a bola no pé era um craque, em um lance conseguiu limpar três marcadores apenas num corta luz. Arriscou até umas finalizações, que não era muito a praia dele, uns chutes de longa distância que serviram pra dar uns sustos no goleiro do Palmeirense. No final dos 45 minutos ele já estava bastante cansado, seguiu para os vestiários e como esperado não retornou ao campo, no fundo eu até tinha esperança de mais uma canja, mas os joelhos dele já não permitiam tamanha ousadia.

Ele conversava pouco, era mais calado, e quem resolvia tudo para ele era a sua esposa, a Elza Soares. Até gostaria de ter tirado uma foto com ele depois do jogo, pois era bastante solícito, mas naquela época não existia esse negócio de selfie, quase ninguém tinha câmera, mas só de ter estado ali naquele tempo já valeu. Me lembro também que apesar de tentar atender a todos, ele só queria saber do Pipico um funcionário do Atlético na época que tinha criação de passarinhos, uma das paixões do Garrincha, inclusive já faleceu.

Não digo que sou torcedor, mas tenho bastante simpatia pelo Santos, inclusive a primeira partida da qual tenho lembranças, é o primeiro jogo da final da Taça Brasil de 1966, quando o Cruzeiro venceu o Santos por 6 a 2. Naquela época o Pelé já era tido pela maioria da crítica esportiva e por torcedores aqui no Brasil e no exterior, como o maior de todos, mas pelo que eu vi do Garrincha tenho para mim que se ele tivesse jogado o Santos não teria perdido daquela maneira, pois o Pelé não jogou absolutamente nada e desde que os dois começaram a jogar juntos pela Seleção Brasileira, quem sempre carregou o piano foi o Mané. O negócio é que o Pelé tinha mais a cabeça no lugar, então conseguiu se sobressair, o Garrincha era muito humilde, meio avoado, no pouco contato que tive com ele aqui, ele contou para mim e demais presentes assim na beirada do

campo, que em uma excursão pelo exterior lhe ofereceram um rádio, mas que havia recusado porque não ia entender “aquela língua estranha que eles falavam”.

Dôti (João Bosco), Aposentado, lateral-esquerdo do Atlético, camisa 6

“Os organizadores do jogo, junto com o auto escalão do Atlético, combinaram com os jogadores do Palmeirense, principalmente o lateral esquerdo, que seria o principal responsável pela primeira marcação no Mané na teoria, de aliviar nas entradas nele, não aliviar, mas tomar um cuidado a mais, porque na época ele já estava sofrendo bastante com lesões nas duas pernas, e como era um jogo comemorativo, feito pra celebrar o aniversário da cidade de Viçosa, o fato de trazer um dos maiores jogadores de futebol de todos os tempos deveria ser o único atrativo, digamos assim, da ocasião. Sendo assim uma lesão no Mané não seria vista com bons olhos, não só pela questão desportiva, do respeito ao adversário, mas também em consideração à ele, que tinha se aposentado do futebol profissional no Olaria um ano antes e atraía público em qualquer lugar que jogasse, então a presença dele na nossa cidade era motivo de muita festa, o papel dele aqui era dar alegria pro público, ninguém queria saber quem eram os outros vinte e um no campo, todo mundo só queria saber do mané, então uma lesão nele seria catastrófica para todos os envolvidos, inclusive pro adversário que poderia correr sérios riscos até pra deixar o campo.

Nos vestiários vi ele bem rápido, porque o pessoal apressou a gente pra entrar em campo com a desculpa de que a torcida já estava ansiosa pra ver a gente, mas todo mundo sabia que queriam ver mesmo era o homem. Na hora ficamos meio desconfiados, mas achamos que era algo relacionado a possíveis bônus na premiação, então fomos pro campo aquecer, um tempo depois ouvi uma história que quando ele foi trocar a roupa, caíram umas moedas dos seus bolsos, e esse dinheiro era um troco, porque antes ele estava tomando umas caipirinhas no bar do Sebastião Brotinho, e como já estava passando da hora da partida começar e ele precisava se trocar, não deu tempo de beber tudo, então levou o restante pra tomar antes de entrar no campo, e “esquentar” o corpo.

Uma coisa que não sai da minha memória é o formato das pernas do Garrincha, quando ele chegou no vestiário pra se trocar, foi a primeira coisa que eu vi e me deixou com o estômago embrulhando quando eu vi, tamanha a curvatura das suas pernas fiquei pensando como ele conseguia andar, e mais ainda como era possível jogar do jeito que ele jogava, com aquela desenvoltura, agilidade e habilidade pra dar aqueles dribles. E o

que também me chamou a atenção foi que ele tinha pernas muito grossas, apesar de serem tortas, algo que as vezes faz com que os membros atrofiem, não teve o mesmo efeito nele, não sei se por começar a jogar desde jovem, ou se era um dom mesmo, um sinal que ele nasceu pra jogar futebol.

A chuteira dele era toda enroladinha de tão fina, parecia feita de lona, não me lembro o modelo, mas era um tipo pra quem sabia o que fazia com a bola, porque era como se o cara estivesse descalço.

Quando começou o jogo ninguém falava nada, mas com certeza todo mundo queria dar o primeiro passe pro Garrincha, porque jogar com ele era uma coisa que ninguém podia imaginar, a gente no interior de Minas Gerais, no mesmo time que o craque da Copa de 1962. Jogando como lateral-esquerdo, mesmo sendo ofensivo, dificilmente eu teria alguma interação com ele lá na ponta direita, porque se no auge ele já era mais fixo na posição dele, já aposentado em um jogo festivo não esperava que se movimentasse muito. Na primeira vez que peguei na bola já busquei o passe pra ele, porque não estava bom só jogar no mesmo time que ele né, tinha que tentar uma tabelinha. Pra minha alegria, logo após o passe ele deu uma entortada no jogador do Palmeirense que se alguém estivesse dormindo na arquibancada ia acordar pensando que era o fim do mundo tamanha euforia dos torcedores.

A medida que os lances foram passando, os marcadores já nervosos, ele passou pra meia, pra evitar as pancadas, naquela hora eu vi um mané que nunca tinha visto, dando passe, com visão de um meio-campo clássico, até alguns chutes de longe arriscou, mesmo não sendo sua especialidade. Me arrisco a dizer que o Palmeirense até nos ajudou a vencer o jogo, porque quando ele mudou de posição melhoramos demais na partida, foram 45 minutos que fizemos dois, mas poderia ser mais.

Com certeza foi a maior alegria da minha vida, jogar com o Garrincha, dar um passe pra ele e hoje poder contar aqui, que fiz algo que muitos, acho que todo mundo que gosta de futebol, gostaria.”

Gilvane Teodoro Arantes, ex-centroavante do Atlético, 65 anos,

Minha história com futebol no Atlético começou de um jeito curioso, morava na Avenida Santa Rita, vi um rapaz (depois descobri que era conhecido como Nadira) passando carregando um par de chuteiras, nunca tinha conversado com ele nem nada, mas sempre fui curioso, então cheguei perto dele e perguntei onde ele estava indo, ele me disse e convidou para participar do treino,

argumentei que não tinha chuteiras, ele disse que o clube possuía, então fui e logo no primeiro treino fiz 3 gols.

Já havia jogado no Cruzeiro por 6 meses, cheguei a conviver com o Joãozinho, Roberto Batata, Vítor, e parei pois meu pai não tinha estudos, era fazendeiro, mas queria seus filhos formados, e meu irmão mais velho já tinha se formado em agronomia também. Era tudo mais difícil, as chuteiras na época eram feitas por sapateiros da cidade, artesanais, com a sola de travas coladas sobre as travas normais, as travas feitas com prego e um acabamento.

Quando surgiu a notícia de que o Garrincha jogaria em Viçosa, todo mundo só falava desse jogo, “o fulano tá sabendo que o Garrincha vai jogar aqui em Viçosa”, a cidade ficou em polvorosa, o pessoal mais velho que tinha visto ele jogar não se aguentava de ansiedade.

Ficamos muito felizes em saber que teríamos a chance de jogar com ele, eu por exemplo, creio que a maioria pela nossa média de idade na época, próximos dos 20 anos, tínhamos visto alguma coisa dele, mas não tanto de seu auge como os mais antigos, até pelas dificuldades da época. Quando o dia do jogo foi se aproximando eu nem dormia, pensando como seria jogar com o Garrincha, como seria se ele fosse no fundo como em seu auge e me desse um passe pra eu fazer o gol, o que felizmente aconteceu.

O jogo foi em comemoração ao aniversário da cidade, mas foi marcado em uma data posterior para aproveitar a passagem dele pela zona da mata, até foi na sexta-feira pela disponibilidade de datas, no final de semana ele já iria se apresentar em outra cidade da região. Não lembro quanto custou o ingresso, a gente não sabia muito disso, mas acho que ele jogava para receber a bilheteria.

Naquela época o futebol era maravilhoso em Viçosa, campos sempre cheios, vários times na cidade, colégio viçosa, Raul de leoni, Luve pela qual eu também jogava mas focava mais no Atlético porque era mais conhecido, disputava mais jogos.

Garrincha chegou no campo num Opala ou Galaxy, branco ou amarelo, dirigido por um motorista negro, não sei o nome, nem quem era. Chegou completamente sóbrio, usava uma calça e camisa social manga curta, sapatos, todos até bem gastos, o uniforme dele já estava preparado no banco do vestiário. No entanto dava pra ver os efeitos do álcool no corpo dele, não era de assustar, mas já estava um pouco mais gordinho, a pele um pouco pálida também, meio amarelada. A Elza não veio com ele, nem sei se estavam juntos na época.

No vestiário eu sempre curioso quis chegar perto do Garrincha, e tentar uma conversa, ele muito receptivo, perguntei como ele estava, ele se disse bem, feliz por estar fazendo aquele jogo. Não deu pra falar mais que isso porque as pessoas queriam ver ele, pegar autógrafos.

Ainda no vestiário Garrincha pediu o nosso massagista Geraldo Guariba uma massagem com as cânforas da vida, com um reforço especial nos joelhos. Aquecemos ali mesmo, naquela época não era comum, ainda mais para times menores se aquecer, no campo cada um fazia o alongamento e pronto.

Nosso treinador era o seu Zé Fontes não entendia muito de bola, nem coloque isso por favor, quase nada, mas pela paixão que ele tinha merecia estar ali, fazia tudo com amor, sempre procurava nos ajudar, era um cara fora de série, ele merece um destaque pelo lado humano e o amor que colocava na profissão. O Presidente era o Guy, também amava o que fazia, não nos deixava faltar nada, acho que quando o clube não tinha dinheiro ele tirava do próprio bolso.

Garrincha deu a saída na bola. Creio que o time se esforçou mais, todos muito firmes, não querendo decepcionar a torcida.

As arquibancadas estavam bem cheias, atrás do gol na parte vazia também, o campo era bom, não sei se porque eu amava o que estava fazendo, mas se comparado aos que a gente jogava, tinha um pouco de terra vermelha mas o pessoal cuidava bem.

O futebol era maravilhoso, campos sempre cheios, vários times na cidade, colégio viçosa, Raul de leoni, luve pela qual eu também jogava mas preferi o atlético porque era mais conhecido, disputava mais jogos.

Tive a felicidade de fazer um gol, o Ruy lançou a bola pro Garrincha na ponta direita linha de fundo, ele cruzou pra trás, eu cheguei batendo de perna direita, no canto direito baixo do goleiro, eu costumava comemorar com a torcida, saía meio doido, mas dessa vez primeiro tive que abraçar o Garrincha, e depois ir pra torcida.

Sem dúvidas foi o maior gol da minha carreira, merecia até um prêmio Puskas, marcar com assistência de Garrincha, às vezes hoje comento isso e as pessoas não acreditam

Ruy Rezende Fontes (Ruy Fontes), camisa 8 do Atlético, 69 anos

Desde criança jogava futebol, tínhamos o Olímpico, um clube mais organizado para crianças e joguei minha infância lá. Comecei no gol, as vezes ia no meio porque tinha um chute forte, fui pro juvenil do Atlético, e o Zé Fontes me fixou como meio campo. Eu estudava agronomia e sempre o Professor Cid Batista da UFV, queria que eu jogasse na LUVE, mas tinha muitas pessoas para servir ao time já. Cheguei a jogar pelo Palmeirense em Ponte Nova também, de 17 até 27 anos joguei bastante por aí.

Com 17 anos já estava com o time titular, disputamos uma segunda divisão do mineiro, o Torneio Juiz de Fora, com várias equipes da região e me deu muita casca, experiência, pois joguei contra profissionais que tinham nos time de Rio Branco, no Tupi, o próprio Atlético de Viçosa que também pagava os jogadores. Fazíamos grandes partidas, jogamos contra Botafogo, Cruzeiro, Vila Nova.

Talvez se fosse hoje o impacto seria muito maior, na época apesar de mídia e tal você não tinha uma noção tão grande da importância dele, poucas transmissões no rádio, não tínhamos essas resenhas que você conhece muito as pessoas, não tinha a dimensão do ato, sabia que era campeão mundial, mas não tinha muitas informações a respeito, não tinha a dimensão do ato pelo menos pra mim. Quando falaram que ele ia participar desse jogo, ficamos ao mesmo tempo apreensivo e emocionado, agora ele foi mostrado pra gerações, o próprio Pelé, só vê através dos pappers, Garrincha não tem muita disponibilidade, nos cinemas, aí víamos os jogadores. Na época pelo fato de ter jogado no grande time do Botafogo dava esse tom bastante importante dele, praticamente eu joguei com garrincha depois de algum tempo que as pessoas falam, principalmente aqui em Brasília, hoje talvez foi mais.

Praticamente fui jogar com o Garrincha depois, perceber a grandiosidade daquilo, aqui em Brasília principalmente, as pessoas me perguntam “poxa você jogou com Garrincha”?

As polêmicas que o garrincha vivia creio que não influenciaram a população pois não tinha tanta visibilidade da carreira dele, imagine esses acontecimentos, não eram tão corriqueiros, era uma pessoa folclórica, despojada, não tinha muito compromisso, o homem que foi o que era, praticamente deu duas copas pra gente, chegar no vestiário na humildade que chegou.

Ele me perguntou quem era o meio campo do time, aí o Zé Fontes falou que era eu, ele pediu pra não lançar bola no fundo porque não tenho velocidade mais, vou fingir que vou e paro, e você me dá a bola.

Campo estava cheio, todos muito animados, gente das redondezas, esse aspecto negativo, se é negativo, acho que pesou a época mais conservadora, perante a figura dele, não era orgulhoso, era simples, as pessoas olhavam mais esse lado, se fosse arrogante, metido, talvez poderia pegar mais, as pessoas olhavam com certa pena, um indivíduo daquele não deveria precisar fazer jogo beneficente, hoje estaria no nível de Messi, Ronaldo. Fisicamente ele tava bem, o que me impressionou foi a grossura das pernas dele, as duas, ele conversando, tinha perna torta.

Não tenho certeza, mas parece que ele falou com Sérgio,” quando eu pegar a bola e voltar eu cruzo no primeiro pau, você nunca viu vavá, você tem que entrar ali”. Era uma característica dele,

puxava a bola e lançava. Claro que não tinha a condição física de antes, mas me chamou atenção como as pernas dele eram grossas.

Não cortava pra dentro, punha a bola no pé dele, dava aquela corrida, marcador ia, a torcida gostava, tentou fazer alguns lances, atacamos pro do oposto ao vestiário, não lembro se ele deu o pontapé inicial. Jogou um tempo só, fazia aquelas jogadas comuns dele.

Gilvane fez um gol no segundo tempo, pro gol do vestiário, é minha remota lembrança, mas ele lembra talvez posso eu estar enganado.

Não lembro do meu gol, fiz muitos gols, pode ser o garrincha, o gol foi la pra cima, não lembro como foi o gol

Nós estávamos no vestiário, ali no atlético era entrada única, entrou por lá, da janela via o tumulto, pessoas acompanhando, pelo Guy Torres, pelo Edir Baião figura importante lá também, mostrando caminho pra ele, subiu a rampa. Estava de chuteira na mão, quase pedindo desculpas, totalmente acanhado, era pra chegar e dar as ordens, era muito simples, pessoa simples, não tinha nenhum empáfia, era pra chegar com toda pompa.

Recebia a bola, passava o pe em cima da bola, lance mais marcante, eu jogava pelo lado esquerdo Falou comigo não notei se bebeu, pode ter tomado uma ou outra, mas não deu pra notar, pode ter bebido depois, antes do jogo creio que não.

Me falaram que ele tava hospedado no Príncipe Hotel, viu no bar do Brotinho, o curió do Brotinho cantando, entregou dinheiro ganho quase todo pra pegar o curió, não sei se antes ou depois do jogo.

Elza não foi no campo, creio que se foi ficou no hotel, mas nem escutei nada a respeito dela aqui As vezes que eu jogava, muitas vezes fora, Viçosa era muito amador, Viçosa se pagava muito, me ofereciam testes, o que me aconteceu literalmente foi, tava com meus 22, pra 23 anos, disputando campeonato de ponte nova, Zé cunha, radialista que morava em Ponte Nova tinha levado armando marques, tinha me visto jogar contra o botafogo, zé cunha arrumou pra eu treinar no vasco, não era muito ligado a jogar, nunca me chamou muita atenção profissional, pois todos os lugares que fui, o ambiente era bastante, concentrações, pessoas jogando sinuca, baralho, nível de conversa, era um nível social e intelectual, me afrontava um pouco, acho que ajudou a eu não me entusiasmar de entrar no meio deles

Quando cheguei em Goiás, o Goiás também me queria, tive oportunidades, não tinha muito entusiasmo de me envolver, e também o futebol na época era mais difícil, você não tinha essa

projeção que tem hoje, hoje além de ganhar dinheiro, não arrependo, jogo bola até hoje, alguns já foram profissionais, buglê, Paulo vitor.

Com certeza pela quantidade de gente no campo, movimentação, não sei foi feriado, mas tinha propaganda na praça antes do calçadão (esquina da Câmara atualmente) as vezes, bandas de música chamando o pessoal, Arthur Bernardes, muitas pessoas comentando isso, na entrada do calçadão, na esquina, colocavam uma espécie de um outdoor com pé, com um carro com alto falante, viçosa contra fulano, venha ver fulano, passava ali, ia pra santa rita

Cleyber Campolina Gomes, 53 anos, mascote no dia do jogo

Não me lembro de quase nada, pois tinha uns 5 ou 6 anos na época, o que sei é basicamente pelo que meu pai me contava, meus tios. Meu pai era muito amigo do presidente do Atlético na época, a gente morava próximo ao campo, ele torcedor do Atlético fanático, quando teve esse jogo logo pediu para que eu pudesse ser mascote no jogo e foi atendido. Dizem que eu fiquei muito feliz, talvez seja até por isso que me tornei Botafoguense, pois não torcia para algum time até então que eu lembre. Ele parecia gostar de crianças pois no pouco tempo que ficamos juntos ele foi bastante carinhoso e atencioso comigo.

‘